



Juca Ribas

O Livro Da Minha Vida

Na mão de Deus

chiado books

chiado books

chiado books

www.chiadobooks.pt

Rua Teófilo Braga n.º 2, Armazém 3, 2685-243 Portela, Lisboa, **Portugal**
Av. Paulista, n.º 2300 – andar Pilotis, Bairro Cerqueira César
01310-300 São Paulo, SP, **Brasil**

Todos os direitos estão reservados e protegidos por lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da Chiado Books, poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma.

Obra disponível para venda corporativa e/ou personalizada.
Para mais informações contacte: comercial@chiadobooks.com

Para informações sobre envio de originais contacte:
originais@chiadobooks.com



CHIADO BOOKS é uma Editora do Grupo Atlantic Books

© 2024, Juca Ribas e Chiado Books
E-mail: geral@chiadobooks.com

Título: O livro da minha vida - Na mão de Deus
Editor: Ana Lourenço
Coordenador Editorial: Pedro Santos
Capa: Pedro Santos
Imagem Capa: Adobe Firefly
Composição Gráfica: Nuno Kabu
Revisão: Juca Ribas

Ano de Publicação: 2024
ISBN: 978-989-37-8793-9 | **Depósito Legal n.º** 539258/24
Impressão e acabamento: Atlantic Print

Juca Ribas

O livro da minha vida
Na mão de Deus

chiado books

PORTUGAL | BRASIL | ANGOLA | CABO VERDE

À minha querida esposa

Aos meus pais

Aos meus filhos

Às minhas irmãs

Às minhas Noras Nanda e Marina

Ao meu Genro

Aos meus netos

I

Sou natural do Bocoio, nascido no ano de 1949, uma cidade sede do Concelho do mesmo nome, da Província de Benguela. E sou Quissanjista, porque assim são designados os seus naturais.

Monte Belo, era e é, uma das freguesias do concelho do Bocoio, Província (antigo Distrito) de Benguela.

Vivi grande parte da minha vida, numa fazenda de sisal chamada Entre Rios, sita no Monte Belo, onde o meu pai, era sócio gerente.

Fazenda Entre Rios, que foi a minha primeira grande escola para a vida, onde cresci aprendendo muita coisa, que me tornou polivalente, em várias vertentes da vida porque eu queria ter parte ativa em todas as situações, passando por conhecimentos de mecânica, agricultura, tudo relacionado com a cultura de sisal, tabaco, algodão, entre outras culturas e todas as atividades inerentes à agro/pecuária.

Nesta fazenda, ainda eu era criança, além de se ter produzido enchidos, banha, entre outros, no tempo da guerra, produziu-se também manteiga, havendo maquinaria para o efeito, ainda instalada numa sala própria para o efeito.

O leite era desnatado, ficando a nata pura, à espera de fabricação. Eu entrava na sala, ia direto à vasilha da nata e bebia aquilo, que me fartava. Até ao dia que deram por ela. Aí acabaram as natas, porque me foi logo vedado o acesso a tal maravilha que era para mim, na altura.

Gostava quando chegava a altura da vacinação, castração, marcação e refugagem do gado, esta que consistia na seleção dos animais que ficavam para a reprodução, os que eram para venda e os que ficavam para serem abatidos, na altura das festas como a Páscoa e o Natal, para distribuição aos trabalhadores.

Gostava, porque eu era o “number one”, a laçar e agarrar os bois.

Havia uma situação bastante curiosa, é que depois da castração, o senhor Beto (falecido) que era o castrador e os seus amigos, faziam sempre festa, com grandes pitéus, cozinhados com os testículos dos bois castrados, a que chamavam túbaros.

Esta era uma zona de caça miúda como bândis, gulungos, (veados) coelhos, perdizes e rolas. Quando adquiri idade, penso que aos 10 anos, eu normalmente saía à caça uma vez por semana tendo como companhia, o Chico Covinte, o Casimiro, o Zé Machado, Manuel Moreira ou o Carlos Mendes.

Às vezes ia à caça dos Nunces, (pequenos antílopes) nas margens do rio Culai, um pouco afastado da Entre Rios. Mas esta, exigia um pouco mais de esforço, porque tínhamos de andar a pé, pois tratava-se de uma baixa, de zona alagada, onde era arriscado andar-se mesmo de jeep e também, tínhamos de levar à cabeça, uma bateria de 12 wats, onde se ligava o farolim para focar a caça.

Para caçar rolas, ia para um sítio junto ao curral dos bois, que se situava por cima de uma laje de pedra, onde se colocavam, um pouco afastado, os sais minerais para o gado; e as rolas juntavam-se ali na laje, às dezenas a comer os sais. Vinha com uma caçadeira, com cartucho de chumbo miúdo, n.º 8, dava um tiro e matava às trinta, trinta e cinco rolas, só com um tiro.

Como andavam sempre por ali alguns cambongas, (rapazotes) à espera do resultado da caçada, fiz um acordo com eles, que era: as que ficavam feridas, e que se refugiavam num bananal existente ali perto, ficavam com estas para eles, e mais umas quantas das mortas diretamente. E então depenavam as minhas rolas, e depois de preparadas, iam entregar a minha parte à minha mãe.

Então iam para perto de um rio que passava ali perto e faziam o serviço, depois de andarem pelo bananal, com as chifutas (físgas), a apanharem as rolas feridas, que depois acabavam por as matar.

No rio referido há pouco, a seguir à ponte que dava acesso à parte fabril (fábrica de desfibra de sisal) e parte social, (habitações, escritório, oficinas etc., do lado esquerdo, formavam-se uns lagos, onde se juntavam muitos patos e jvas, (palmípedes da família dos patos, mas muito maiores) e de vez em quando, ia lá com a caçadeira e acompanhado de uma perdigueira, por sinal muito boa, que era da minha irmã Lídia, que se chamava, Minga Rosa e lá caçava uns patos e jvas.

A perdigueira tinha uma particularidade, que era de lançar-se à água e ir buscar a caça que matava e que caia na lagoa.

Neste, também pescávamos peixes do rio como bagres.

Lembro-me de uma das vezes que fui à caça com o meu pai e o meu primo Zé Luís, este ia a conduzir. Andamos tanto sem ver nada, que já estávamos quase a desistir, quando aparece um coelho no meio da picada, a saltitar e como quem quer afastar o mau-olhado, eu saio de um lado da picada, o meu pai do outro com um cacete e lá fomos nós a correr em direção ao coelho e quando chegamos perto dele, saltamos para o meio da picada, eu lanço o meu pé, o meu pai lança o cacete e trás, ai, ai, ai, ai e o coelho a seguir o seu caminho, aos saltitos e eu com a cacetada do meu pai, no meu pé.

Sempre fui uma pessoa ativa e ainda bem novo, com pouca idade, andava de bicicleta, de motorizada, tendo servido até de instrutor das minhas irmãs e primas, nestas modalidades.

Inicialmente por causa do quadro da bicicleta, que não me deixava sentar no selim, por ficar muito alto, comecei a andar de lado. Punha-me no meio do quadro da bicicleta, punha os pés nos pedais e lá ia eu. Mas, como aqueles veículos eram altos para mim, servia-me de um dos degraus da

entrada da enfermaria, que era à medida certa para subir para cima deles e subia para cima da bicicleta ou da motorizada e lá ia eu, dar as minhas voltas. E para parar, fazia a mesma coisa no sentido inverso, no degrau da enfermaria.

Até ir para a escola primária, o meu grande companheiro era o Cauranga, que era o filho do guarda, com quem fazia as maiores brincadeiras, conquistas, aventuras, enfim, o que nos desse na real gana.

Por exemplo, ir à procura de frutos silvestres, por aqueles campos e matos, como as longualilas, as lombulas, nochas, maboques, etc., nas suas épocas, de frutos sazonais que eram.

Também arranjava verguinha de ferro, para fazer arcos, para mim e para o meu amigo, e era eu quem ajudava na oficina a fazê-los, e com o gancho para empurrar os mesmos. Depois, chamava-o para brincar e fazíamos corridas.

Era com ele que fazia também, as minhas caçadas aos pássaros e ratos, com arco e flecha ou chifuta (fisga), que nós próprios fazíamos. E depois de depena-los e temperar com sal, que levávamos nos bolsos, eu comia os pássaros e ele os ratos assados em fogueira feita no mato, pelo Cauranga, à moda primitiva, às três pancadas, mas dava.

Apanhávamos também, pássaros com visgo. Fazíamos cachimbos com os pedúnculos das folhas dos mamoeiros e depois apanhávamos folhas secas de mamoeiro, púnhamos no cachimbo improvisado e fumávamos.

Íamos para o rio tomar banho e depois, púnhamo-nos todos nus, estirados em cima das lajes de pedra, que havia ali, para secarmos o corpo e podermos vestir a roupa sem ficar molhada.

A propósito de fumar, para o poder fazer, já quando tinha os meus doze anos, para aí, fazia fugidas para a casa do enfermeiro, ou para a enfermaria, ou para casa do Machado, que era o responsável dos polidores do sisal, ou do Manuel Moreira e quando regressava a casa, passava pelas goiabeiras,

arrancava folhas tenras destas e mastigava-as, para não ficar a cheirar a tabaco.

Não sei precisar, mas comecei antes dos seis anos a conduzir tratores e para conduzi-los, ia espera-los num sítio combinado com os tratoristas, longe da vista dos meus pais, para que eles não fossem repreendidos com uns ralhetes. E sentava-me no colo deles, pois ainda não chegava aos pedais, e aí ia eu feliz da vida.

Um dia, já devia ter os meus sete anos, ia com o meu pai pela estrada, num jeep DKW, que ele tinha, e a dado momento, ele encosta o Jeep e diz-me; - vem para aqui-, lugar do condutor, para que eu fosse a conduzir. Mas se me quis surpreender, ficou ele surpreso, porque sem me enrascar, apenas lutando com a distância dos pedais, peguei no volante, e aí vou eu, estrada fora, para grande surpresa dele, pois já estava farto de saber conduzir. Ainda me lembro de eu olhando de soslaio para ele, via o seu sorriso nos lábios e eu todo orgulhoso, lá ia até que, de repente, levo uma palmada na perna que me doeu, porque estava de calções, e uma repreensão (tira o pé da embraiagem). Podem querer, que nunca mais me esqueci de tirar o pé da embraiagem.

Então o meu pai mandou o mecânico adaptar uns acrescentos, para que eu chegasse melhor aos pedais.

O meu pai era uma pessoa muito dinâmica, muito culta e tinha também, uma visão muito boa para o desenvolvimento da agricultura e não só e foi por isso que começou a explorar terrenos. E assim, depois da Entre Rios, começou com a fazenda Morro Azul, que para lá se chegar, como aquilo era zona virgem, teve que se abrir picada. Para tal, iam os empregados que queriam passear e os populares da zona, à frente a cortar mato, com o meu pai e eu atrás com o Jeep.

A minha irmã Lídia, mais nova, também alinhava nestas aventuras.

Os paus que se cortavam, eram depois puxados por juntas de bois, dos populares dali da zona, para se fazerem as pontes, sobre os rios e riachos que havia.

Esta grande colaboração dos populares, é porque reconheciam o benefício que trazia a chegada de uma via de comunicação, para evacuação e comercialização dos seus produtos.

Outra particularidade minha, era dançar muito bem e dançava quer com as minhas irmãs, primas, ou com outras moças, algumas muito mais velhas que eu, que muitas vezes me vinham convidar para dançar, por eu dançar bem, ou era eu que as convidava.

Cheguei até a ganhar, alguns concursos de dança, com a minha irmã Natasha, com quem acertávamos muito bem, isto quer no clube do Bocoio, do Monte Belo e do Balombo.

Nessas festas, que aliás eram realizadas em quase todas as povoações e cidades, de Angola, que tinham lugar na altura das férias grandes escolares, de junho a setembro/outubro. altura em que nos juntávamos todos na fazenda, minhas irmãs, primas e por vezes colegas das minhas irmãs e meus e realizavam-se campeonatos de futebol, gincana automóvel, tiro aos pratos e aos pombos, entre outras modalidades desportivas.

Nas festas do Bocoio, Balombo, Monte-Belo e Chingongo, eu, meu pai e minha irmã Tasha, participávamos em muitos torneios de tiro aos pratos e gincana automóvel, onde ganhamos várias taças.

Na altura, apareciam, grandes profissionais da modalidade de tiro, tendo por algumas vezes, disputado com esses atiradores, alguns lugares cimeiros tendo nós algumas vezes ganho a esses concorrentes. Nestes campeonatos, o meu pai e a minha irmã Natasha, ganharam muitos mais prémios, que eu.

Com o entusiasmo do tiro aos pratos, o meu pai comprou uma máquina de lançar pratos e instalou na fazenda, num pequeno campo, para treinarmos

para os referidos torneios. E por acaso ficava por perto uma vala de rega, que passava por ali.

Então um dia em que estávamos lá todos, o meu pai chamou-nos, para irmos treinar ao tiro aos pratos. Começou o treino, os mais experientes iam dando as instruções necessárias aos que se iniciavam, fomos fazendo os nossos tiros, todos a fazer o seu melhor possível, até que chegou a vez de uma prima minha, a Benvinda, (Badó) nome familiar. Nós na altura atirávamos com caçadeiras de cinco tiros. Ela foi para o lugar para fazer o tiro, nós todos a fazer montes de recomendações, para apoiar bem a arma ao ombro, por causa do coice da arma, pois era a primeira vez que ela participava e pegava numa arma. Preparou-se, deu sinal para a saída do prato, começou a disparar e por cada disparo que fazia, recuava um ou dois passos, com o chamado coice que a arma dava« e foi dando um, dois, três, quatro... e aí estava ela estatelada dentro da vala e a malta toda no gozo. Sorte que a vala não levava água e ela foi sempre disparando para o ar.

Havia um administrador de posto do Chingongo, que gostava muito de mim. Indivíduo negro, que gostava muito de festas e como ele conduzia muito mal, mas tinha sempre bons carros, quando era preciso ir para as festas de outras terras mais distantes, Bailundo, Andulo, Nhareia, Cuma, Lépi, Longonjo, etc., ia-me buscar a casa dos meus pais, pois tinha bastante confiança em mim. Tinha tanta confiança que, numa altura, em que eu já tinha os meus dezassete anos, convidou-me para o ajudar a organizar as festas da terra, nesse ano, que por sinal foram muito bem organizadas, tendo corrido tudo muito bem, nas várias vertentes destas festas, trazendo muitos lucros para a organização local.

II

Fiz a minha instrução primária no Monte Belo, até à terceira classe, onde havia homens de barba na cara e moças, já mulheres feitas, com uma maravilhosa professora chamada Alzira Vilhena, que em determinada altura, foi transferida para outro sítio.

Quando passei para a 4ª classe, tendo então ficado com outra professora, que não era tão boa como aquela.

Tendo o meu pai verificado ao longo do primeiro período da quarta classe, que eu estava a retroceder nos estudos, pediu a minha transferência para o Bocoio, onde estava uma professora de naturalidade Indiana, terrível a aplicar castigos aos alunos, que passava por se ficar de joelhos num canto da sala, sobre sementes de milho ou areia grossa, com pesos nas mãos e, quando se fraquejava lá vinham as chibatadas nas pernas e nos braços.

Fiquei assim para o efeito, hospedado na casa de um primo meu, que era muito meu amigo e que tinha o hotel do Bocoio.

Acontece que uma vez, por não ter feito bem o que ela me tinha mandado fazer, resolveu aplicar-me aquele castigo, ao que inicialmente fui cumprindo, mas quando fraquejei e vieram as chibatadas, levantei-me, atirei-lhe com os pesos para cima, corri, saltei pela janela fora e como a estrada nacional que passava pela Fazenda Entre Rios, passava mesmo em frente à escola, meti-me pela estrada afora em direcção à casa dos meus pais, e sempre que ouvia o barulho do motor de um carro, escondia-me dentro da mata, fora da estrada.

Acontece que quando o meu primo Nelson soube o que se tinha passado, pegou no carro dele e fez-se à estrada à minha procura, parando de vez em quando e chamando por mim, até que chegou perto do sítio onde já me encontrava escondido, chamou por mim e eu saí do meio do mato e

perguntei-lhe se me ia bater, ao que ele me prometeu que não, e disse-lhe que só queria ir para casa do meu pai, e assim foi e lá me levou para casa dos meus pais.

Quando o meu pai soube do que se tinha passado, ficou de tal maneira que não descansou até conseguir a transferência da própria para outro sítio, coisa que conseguiu sem dificuldade, por já haver reclamações sobre os castigos aplicados aos alunos.

Então o meu pai, pediu a minha transferência para o colégio Luís de Camões no Lobito, propriedade de uma professora muito conceituada que era a Dona Estrela, onde acabei por fazer aí a referida quarta classe a admissão aos liceus, num período e meio. Depois fiz o 1.º ciclo liceal (na altura).

Para ficar no Lobito a estudar, fiquei “num pequeno internato”, que esta senhora tinha no edifício principal, onde fiquei, na companhia do filho dela, o Luís Felício, o Dino, que era de Luanda, o Horácio Amaral, do Dombe Grande (Benguela) e o Lopes, que eu já não me lembro de onde ele era. Mas o pai dele era contabilista da Fazenda Ceres, sita no Bocoio.

Grandes patifarias fazíamos, próprias das nossas idades, mas fazíamos também boas brincadeiras, como andar de barco à vela, que era do Luís Felício, jogar hóquei, fazer grandes mergulhos na piscina do Lobito Sport Clube, que eram bem altas e poucas pessoas se habilitavam a mergulhar daquelas pranchas, de tão altas que eram. Então aos domingos de manhã, era o nosso entretém, o show dos saltos daquelas pranchas, exibindo anjos, carpas, parafusos, pinos, enfim um rol de saltos, para exibicionismo, e depois íamos para casa tomar banho, vestir, almoçar e à tarde ir à matiné, ver um filme. No primeiro intervalo, íamos comer um rajá, que era um gelado muito bom da época, e no segundo intervalo, comer uma bola de Berlim.

O colégio Luís de Camões, comemorava todos os anos o seu aniversário, que se compunha de um teatro, onde eram seleccionados alunos com jeito para o efeito. Tendo eu sido um dos seleccionados e o Horácio Amaral, fazendo um duo, vestidos de Mexicanos, a cantar a música mexicana, Pancho Lopes.

Este espectáculo realizava-se no Cine Império do Lobito. E depois para o fecho, havia um lanche, que era oferecido, servido nas instalações do Colégio, onde eram convidadas altas individualidades, os pais dos alunos, amigos e alunos.

Neste lanche, era “espetáculo principal”, verificar-se o senhor piloto da barra do Lobito, que era um gordalhão e uma máquina a comer. Só nesse lanche, ele comeu sózinho, um leitão, seis frangos de churrasco, montes de pão, entre outras iguarias que passassem á sua frente e claro, o seu garrafão de vinho. A Dona Estrela, sabendo disso, prevenia-se sempre.

Mas o homem também era um “BARRILÃO”, que quando entrava no carro, notava-se o carro a inclinar-se, para o seu lado, e era um carro grande Americano, que já não me lembro da marca.

Recordo-me também que havia uma loja, no fim da rua 28 de Maio, quem ia em direcção à colina da saudade no Lobito, à esquerda, que era do Manuel Moço, onde vendiam carros dinguitoices, penso que seja assim que se escreve, que eram umas miniaturas, mas nós íamos lá finjir que íamos comprar qualquer coisa, mas íamos é rouba-los, para colecção.

Na altura, havia a mocidade portuguesa, que era uma organização do estado português, um bocado parecido com os escuteiros, mas só parecido, que era obrigatório e até se reprovava o ano lectivo, se se dessem três faltas. Uma das vertentes que tinha era a música. E eu, para me safar das marchas, ia aprender a tocar bateria e assim me safava daquelas marchas de sábado à tarde, debaixo de sol.

Havia numa determinada altura do ano, em que o peixe-espada ia fazer a desova na baía do Lobito e apareciam por ali cardumes e cardumes enormes e nós, muníamos-nos com cestos de vime e íamos à noite para as portas do mar no Lobito, duas pessoas uma de cada lado do cesto, metíamos os cestos dentro da água da baía, e retirávamo-los cheios de peixe-espada, que levávamos para o internato. Isto não era apenas nós, que desfrutávamos desta situação. Juntavam-se ali, dezenas de pessoas a fazer o mesmo. Mas, depressa desistimos daquilo, porque enquanto havia peixe-espada, era o que volta e meia comíamos no internato.

Durante este período da minha vida, da escola primária, houve duas professoras que me marcaram na vida, quer pelas suas competências e tracto pessoal/social, quer pelos cinco olhos, que era a palmatória que elas utilizavam como estímulo para o ensino, que foram a professora Alzira Vilhena e a D.^a Estrela.

Outra pessoa, foi o senhor Felício, marido da D. Estrela, que era director da parte liceal, que fumava muito e tinha uma particularidade, que era comer antes e durante as refeições, baguetes enroscadas de pão com muita manteiga. O curioso era que ele nunca engordava e era magríssimo. Tinha outra particularidade que era, quando apanhava algum aluno em falta, agarrava-o pelas orelhas, e em jeito de quem tosse, para aliviar o catarro na garganta, ia dizendo; Ahan, ahan, anda cá, anda cá, ahan, ahan, andas armado em cowboy, ahan, ahan, mas ahan ahan, eu tiro-te as pistolas.

III

Acabado o primeiro ciclo liceal, o meu pai matriculou-me na Escola de Regentes Agrícolas do Tchivinguiro, Dr. Francisco Machado, no 1.º ano, onde fiz o meu curso de Regente Agrícola, (hoje Engenheiro Técnico de Ciências Agrárias).

Esta escola situava-se, no distrito do Lubango Província da Huíla, onde entrei no ano de 1961/1962 (ano lectivo), com 12 anos, para o primeiro ano, que era a única forma de se entrar para a mesma, na altura. Situação esta, que se veio a alterar no segundo ano seguinte à minha entrada, com o início da admissão de alunos com o quinto ano dos liceus, que entravam para o terceiro ano/DT. da mesma.

Acontece que como eu tinha deficiência a Francês e não se podia entrar com deficiência a esta disciplina, o meu pai, indicado pelo seu amigo Engº Azancot de Menezes, arranjou-me uma boa explicadora, e eu fiquei no Lubango hospedado no Grande Hotel da Huíla, a ter explicações de francês e ir fazer exame ao Tchivinguiro, para ser admitido, o que aconteceu.

Quando entrei para a Escola Agrícola distante da alçada dos meus pais, claro que as minhas primeiras tendências, foram continuar à vontade, e dedicar-me a aprender a tocar viola, começar a beber, e os estudos em segundo plano. Claro que como consequência disso, apanhei logo no primeiro ano, o primeiro chumbo. (reprovei). Dessa vez, o meu pai não me fez nada. Mas quando reprovei a segunda vez, no primeiro ano do segundo ano, o meu pai como castigo, não me deixou ir passar as férias grandes a casa, tendo ficado na escola.

Na escola, era frequente os alunos que ficassem no internato durante as férias, por qualquer motivo, organizarem-se em grupo para ir passar uns dias

numa das propriedades da escola, que se chama Bruco, passando pelo Chão da Chela, também propriedade da mesma.

Era normal, o director autorizar, que os alunos mais velhos, requisitassem armas e munições para levar. Facultavam esta situação, por se viver na altura, a fase do “terrorismo”, como se dizia na altura.

A escola providenciava na alimentação, enfim tudo o necessário para a nossa logística e aproveitávamos boleia nos burros da escola, que faziam aquele percurso, duas a três vezes por semana, porque transportavam para a escola, fruta e outros géneros produzidos no Bruco e Chão da Chela e de regresso, levavam víveres e outras coisas, para os trabalhadores destas unidades e outros produtos.

E lá fui, integrado no grupo onde entre várias diversões que se organizaram, deu para ir à caça, tendo o chefe do grupo morto um Olongo, Ungir, ou Kudu, como queiram chamar, que nos proporcionou uns ricos bifes.

Havia o mais velho Maneco, que era um sujeito muito castiço, já de boa idade, curtido e muito resistente, que gostávamos de o visitar, pelas suas longas histórias, que dizia que sabia onde o Hitler, estava escondido.

Ele tinha ali um pequeno comércio, um pouco mais abaixo do Bruco, na Macuala, perto do forte de Capangombe, onde havia também outra propriedade da escola. Foi com esse senhor, que eu tive a oportunidade de ver pela primeira vez rinocerontes no mato.

Bom, e assim estive numa fase de fazer o 1.º e 2.º ano, cada um em dois. Mas acertei a partir do 3.º ano, até ao 5.º ano.

Mas este ano, foi um pouco conturbado, devido a uma situação ligada às praxes, em que o diretor da escola na altura “inconscientemente”, quis dar-lhe um cariz político e acabei por apanhar a maior suspensão da escola agrícola, encabeçando uma vasta relação de colegas que contemplavam

várias suspensões, muitas delas bem grandes também, umas parecidas com a minha, mas a minha foi a maior, pois implicava a proibição de me poder hospedar no internato, ou em casa de professores e funcionários, o que fazia com que quase não pudesse concluir o curso.

Esta situação penalizou-me logo, pela perda do ano lectivo e consequente perda das dispensas que tinha da maioria das disciplinas. A situação das dispensas devia-se a, como eram bastantes as disciplinas das matérias do curso, procurávamos arranjar o maior número de dispensas por disciplina para que, quando chegássemos ao quinto ano, tivéssemos poucos exames para fazer, facilitando-nos assim a vida.

Perante esta situação, fui para a fazenda Entre Rios, para junto dos meus pais, onde o meu pai, logo me pôs ao corrente das tarefas que havia no momento, que era a fase da colheita e secagem da cultura do tabaco, tarefas estas e outras, que eu sempre fazia na altura das minhas férias, porque gostava e serviam para o engrandecimento dos meus conhecimentos nestas matérias, para o meu curso.

Eis que, um dia em que eu ia com uma carrada de tabaco para as estufas, ao passar pelo meu pai, este faz-me sinal de paragem e disse-me para ir ao escritório falar com ele e assim fiz. Chegado ali, mostrou-me um telegrama (meio de comunicação na altura, equivalente ao email), a solicitar a minha comparência na escola agrícola, a fim de tratar de assunto relacionado com a minha má conduta naquela.

Eu tinha bom relacionamento com o meu pai e, contei-lhe tudo o que se passava, que era por causa de um namoro muito prolongado, com uma filha do senhor, que era funcionário da escola e que tinha tido como resultado, o engravidamento da mesma. Então o meu pai respondeu, invocando a situação em que me encontrava e que quando regressasse à escola, iria tentar resolver a situação.

No ano escolar seguinte, dado a suspensão de não me permitir hospedar no internato, nem em casa de professores ou funcionários, o meu pai alugou uma casa na povoação do Caholo, que distava a cerca de seis quilómetros da escola. Mas era preciso arranjar-se quem percebesse de cozinha e tratar da casa, para ir comigo.

Eu tinha um afilhado que trabalhava em casa dos meus pais, o Januário, que era a pessoa mais indicada. Tendo ele concordado, fomos os dois para o Caholo, levou-se uma bicicleta, para o meu afilhado me ir levar a comida à escola e então fazíamos os nossos piqueniques, debaixo de uma boa sombra e depois ele regressava para casa. Para eu ir para as aulas e regressar a casa, como havia professores que moravam no Lubango e iam e vinham todos os dias dar aulas e havia sempre outras viaturas também, a passar para aquela, eu aproveitava as boleias todas. Nesta casa, era normal estar sempre cheia de gente, quer de professores, como de colegas.

IV

Regressado à escola e depois de me instalar na minha nova casa no Cahôlo, devido á punição da escola agrícola, a minha primeira preocupação, foi procurar contactar com o pai da moça e posteriormente contactar com ela.

Quando cheguei à escola, toda a gente estava admirada e comentavam que o pai da moça me iria espancar, porque ele era grande e que ia fazer, acontecer e muitos me questionavam se iria mesmo ter com ele.

E assim o fiz, tendo o contacto com o pai da moça sido muito duro, mas com a minha calma e constante insistência de não ter vida própria e autonomia para constituir família, pois faltava-me cumprir o serviço militar, acabar o curso e arranjar emprego.

E foi assim que também, que posteriormente, consegui convencê-lo em baptizar o meu filho, ficando o resto para se resolver quando as soluções comesçassem a surgir.

Então, depois do nascimento do filho, realizou-se o baptizado, passado pouco tempo, tendo convidado o Senhor eng. Azancot de Menezes e esposa para padrinhos, tendo-lhe dado o nome de António Leonel de Jesus Ribas. E continuei a visitar o meu filho, enquanto lá estive e mesmo depois de ir para o serviço militar.

Mas, antes disto tudo, a mãe do bebé foi para a Humpata, para fazer aí o parto. Entretanto as coisas foram correndo e quando entrou em trabalhos de parto, eu estava naquela terra, e acabei até por assistir ao nascimento do meu filho na companhia do avô da moça, que por sinal até nutria uma certa amizade por mim e que, de vez em quando, servia um copo de vinho para mim e outro para ele e entre a conversa, ia dizendo, -isto está demorado-, até que de um momento para o outro, ouve-se o choro de uma criança, vem a

irmã mais velha dela cá fora e diz: é um menino! Não sei o que senti naquele momento, se foi alegria, ou pensar como seria dali para a frente.

O tempo foi correndo, até que chegou a data da minha incorporação militar, tendo-me apresentado a 8 de janeiro de 1970, para assentar praça na Escola de Aplicação Militar no Huambo, conforme ordem recebida, impossibilitando-me assim, de acabar o curso antes do serviço militar. Depois de ingressar no serviço militar, aproveitava sempre todas as oportunidades que me surgissem para ir visitar o meu filho, deslocando-me para o efeito, numa lambreta que eu tinha, com a qual fiz bastantes viagens, quer para a escola, para ir ver o meu filho, quer para ir visitar os meus pais na fazenda Entre Rios, no Monte Belo, Canhara e dava boleia a amigos que me pedissem.

Lembro-me com alguma nostalgia, quando já estava a cumprir serviço militar, uma das vezes que fui visitar o meu filho e lhe levei um triciclo. Isso é que ele não conteve a sua alegria, dando azo a uma pequena briga de crianças, entre ele e um primo que eram quase da mesma idade, na disputa de quem seria o primeiro a subir para o triciclo.

V

No Tchivinguiro, fiz muitas amizades, não só a nível de colegas, como de professores e funcionários.

Dos colegas, lembro-me bem, do Xavier, Melo Marques, Torrinha, Loução, Velhinho (já falecido), Vítor Moura (já falecido) estes todos jogadores da nossa equipa de futebol, Marçal, era o nosso político, Côco Vandunen Bastos, já falecido, que era gago e perguntava-me; Oh Juca! Aj, aj, aj, ajneira escreve-se com s ou com j? Adjuto Gomes, massagista da nossa equipa de futebol, etc., colegas de quarto, equipa de roubar fruta nos pomares da escola, (boa fruta que a escola produzia) fazer serenatas, namoros, enfim, uma quantidade de bardinagens.

O Calabeto, era o colega a quem eu ia roubar a viola para treinar, embora ele ficasse muito zangado. Um dos desvios que fiz da viola dele, foi num dia em que tinha umas coisas combinadas com outros colegas. E para retira-la, teve de ser puxada pela varanda da camarata, através de uma corda. Mas, acontece que o dono, estava na camarata e, qual o seu espanto, ver a viola a passar à frente dele.

Bócas, era outro castiço, que tinha a mania das cabeçadas. Uma vez deu uma cabeçada num armário de boa madeira, partiu a porta, e ficou com a pele da testa entalada na porta.

Não me vou alongar em descrições de colegas, pois tornaria isto bastante extenso, apenas dizer que me dava bem com todos. Mas, destes colegas, com quem tive mais aventuras, foi o Xavier. Aventuras de namoros, que até conseguimos que nos emprestassem uma casa na Humpata, para passar os fins-de-semana, a maior parte das vezes, com namoradas. A nossa amizade era e é tão grande que, entre outras coisas, até o convidei para ser o empresário do conjunto que tive, do qual falarei mais adiante.

Éramos os únicos, que fazíamos levantamento de braço directo, com um rodado de carruagem de caminho-de-ferro, fazendo de alter, que diziam, pesar cerca de 45 a 50 quilos. No nosso quinto ano, tivemos o privilégio de escolhermos quarto. E escolhemos um quarto no rés-do-chão do edifício. Esse quarto tinha acesso directo para a rua, sem nenhum controlo e então, dava para as nossas namoradas, entrarem para o quarto pela janela. E levávamos sandes, para elas comerem.

Nas nossas deslocações ao Caholo, a pé, cita na 6 kms da escola, que era uma pequena vila com algumas casas comerciais, onde nós alunos, íamos afogar os nossos “pretextos” nuns copos de catembe. (mistura de vinho com sevenup, cerveja e açúcar, comer umas saladas de sardinha em lata ou atum, e por vezes apareciam algumas Muilas mais atrevidas, que nos convidavam para um “flirt” e eu, uma vez, aceito o convite duma, por sinal gira, com bons atributos e lá vamos nós para o mato. Iniciamos o serviço, mas pouco depois a menina começou a dizer-me; “formica menino, formica menino” e insistia nisto e eu, como percebia outra coisa e pensando que não estava a corresponder, parecia um cavalo a dar o litro e meio, até que ela salta, empurra-me e catando coisas pelo corpo, gitava: “tá a morder, tá a morder “ (está a morder, está a morder). Então, sinto também as mordidelas em mim e aí, compreendi que estávamos por cima de um carreiro de bissonde ou kissonde, (formigas vermelhas africanas), bem perigosas, que chegam até ao ponto de matar pessoas e, nós estávamos a ser atacados por elas.

Dos funcionários, era o Hayce de Abreu, com quem fiz grande amizade, que estava sempre a convidar-me para ir com ele à caça aos sábados à noite e à pesca aos domingos de manhã, sendo muitas das vezes convidado para almoçar em sua casa, pois a sua esposa nos presenteava com uns guisados de carne de caça, com pirão de massango, (variedade de sorgo) entre outros pratos e á tarde, ficávamos a ouvir o relato de futebol metropolitano

(Português) da altura, para conferir o “totoloto” e a virar uns copos de vinho tinto e a comer os peixes pescados de manhã, no rio.

Amigos professores, lembro-me com alguma nostalgia e pena, do falecido Eng.º Felix da Costa, ribatejano castiço, com o seu boné e calças à alentejana, (que se suicidou duma forma muito trágica).

Tinha umas expressões castiças, que passavam por; ao entrarmos para a sala de aulas, virava-se para traz e dizia: O último que dê um coice na porta. Era para fechar a porta. Outra era: Oh Zécas, salta prá negra. Ir ao quadro.

Era um fora de série, um camarada. Quando ia a casa dele, servia-me sempre para beber, aguardente da marca Irmãos Unidos, que era o que ele bebia.

Com este amigo, fiz algumas viagens serra abaixo, para uma fazenda de café que ele tinha para estes lados, que ficava depois do Bruco, propriedade da escola. Ainda matei uma vez lá na fazenda dele um Olongo, Ungir, ou Kudu, como quiserem chamar, que é um antílope de grande porte, com chifres retorcidos e que com a idade chegavam a ser bem grandes.

Fiz outra viagem com ele para Mossâmedes, ele com uma Renault “quatrele” e eu com o Jeep Land Rover, todos dele, mas foi em Março, uma altura de chuva, em que o meu objectivo era levar a aparelhagem do conjunto “A Go Go”, conjunto montado por mim, a que me referirei mais abaixo, para actuarmos nas festas daquela que eram conhecidas como “ Mossâmedes Mar, Março e Mulatas”. Fui eu no Jeep e ele e a família na Renault, mas aquela zona era de mulolas. (rios secos), que só tem água na época das chuvas e vem em enxurrada, capazes de arrastar, carros e outras coisas pelo seu caminho e quando as encontrávamos cheias, tinha que se aguardar que a mesma baixasse o caudal, para se poder passar.

Com estas esperas aglomeravam-se muitos carros, quer de um lado como do outro e, conforme a demora, havia pessoas que iam prevenidas e levavam

comida e cozinhavam. Mas o nosso caso era diferente porque íamos desprevenidos e tivemos que voltar atrás, para a antiga Vila Arriaga, hoje Bibala, para tratar da logística.

Os filhos do Eng^o, a princípio era uma alegria, mas passado algum tempo, começaram a ficar irrequietos e intoleráveis.

A viagem demorou mais de quarenta horas e na penúltima mulola, eu fui com uma vara ver o nível da água, que era assim que se fazia e se o caudal estivesse baixo, dava para se passar. Como estava baixo e dava para passar, disse ao Eng.^o, que ia passar com o Jeep e ele passaria a seguir. Eu passei bem, sem problemas, mas quando ele ia quase a atingir a margem, o carro dá um solavanco e uma vaga de água empurra o carro contra a parede da margem.

Procurei por um cabo, mas só havia um caminhão carregado com verguinha para a construção. Tiramos uma vara das mais finas e então vou com a verguinha e consigo mergulhar e engatar a mesma, na traseira da Renault. Mas quando venho a cima, uma vaga grande de água, arrastou-me rio abaixo e eu, lutando com as minhas forças, senti uma coisa nas pernas e encaixei-as, no que penso ter sido umas raízes de uma árvore, que com o meu peso, rápido se desprende e aí vou eu outra vez, até que oiço os gritos dos contratados que ali estavam em viagem para os seus novos empregos, a dizer; “tchindele uô uenda, tchindele uô uenda”... que traduzido quer dizer (o branco está a ir, o branco está a ir) e de repente, sinto uma forte mão a agarrar-me e retirar-me de dentro da mulola,

Tinham formado entre si uma corrente, agarrando-se nas mãos uns dos outros e assim, me retiraram do rio. Quando saí, senti sangue a escorrer pela minha perna abaixo. Foi quando estive agarrado á raiz, que me tinha cortado a barriga da perna. Agarrei num lenço e amarrei aquilo.

Depois de conseguir tirar o carro do Eng.º da mulola, seguimos caminho e tivemos que esperar que na última mulola, do rio Giraúl que era a maior de todas baixasse o caudal. Tendo terminado depois a viagem, fui ao hospital tratar da minha ferida que ainda levou uns pontos.

O Engº foi para um hotel e eu armei a minha tenda perto dos meus colegas, que já lá se encontravam. Armamos a nossa barraca para actuações, que se chamou Boite Caixote, e começamos a atuar, fazendo a nossa tournée por Moçâmedes.

Do Eng.º Azancot de Menezes, que acabou por ser meu compadre, por terem sido, ele e a esposa, os padrinhos de baptizado do meu filho Toni. Na minha perspectiva, foi o melhor professor que passou pelo Tchivinguiro, quer como técnico, cientista, sabedor da matéria, como se costuma dizer.

Outro, era o Dr. Manuel Fernandes (Melões de alcunha, pois tinha a cabeça redondinha que parecia um melão), que me pregou uma grande partida no teste final, para confirmar a dispensa da disciplina de mineralogia, que foi feita na sala anfiteatro da escola, tendo eu ficado na carteira do lado esquerdo, na primeira fila.

Ele levou para a sala uma máquina de escrever, para ir passando os stencils (modo de se reproduzirem os pontos, hoje chamados testes para os exames) e ia batendo as teclas da máquina. Eu levei, apenas como preventivo uma cábula para a prova, porque sabia de mineralogia mas, como ele era muito exigente, quis certificar-me da resposta e ia orientando-me pelo bater das teclas. Enquanto ouvia o bater das teclas, ia certificando a resposta pela cábula. Quando acabo de tirar as dúvidas, orientando-me pelo bater das teclas, olho para ele e vejo-o com um sorriso rasgado de orelha a orelha a bater numa tecla da máquina. Resultado: (Ribas, rua! Vens à segunda época, para saberes).

Claro, fui á segunda época, mas como o livro de mineralogia era pequeno e eu com a gana com que estava, durante aquele tempo de férias, até á segunda época, decorei o livro todo até o número das páginas, vírgulas pontos e tudo. E lá tirei um dezasseis que era uma nota belíssima no conceito dele e por castigo pelo que tinha feito no exame anterior.

Em 1968, na escola agrícola, em conversa com um advogado, amante do rugby, que treinava a nossa equipa nesta modalidade, calhou a meio da conversa, como ele sabia que eu era amante de música e tocava viola, perguntou-me se estava interessado em montar um conjunto musical. Disse-lhe que sim, mas para tal era necessário haver o principal que era o dinheiro para se adquirir, aparelhagem, instrumentos, etc. etc., ao que me propôs, que ele pagava tudo aquilo e que quando começássemos a ter rendimentos através dos contractos, para actuações, abrilhantamento de bailes, etc., iríamos fazer a amortização da dívida. Expliquei-lhe que demoraria algum tempo a ter retorno, porque era necessário preparar-se um reportório, para que se conseguisse ter êxito. Acordando com tudo isto, fiz a relação do que era necessário em instrumentos, equipamento de som etc. ao que ele não levantou qualquer problema e assim fui com ele ao Lubango a uma casa de venda de instrumentos musicais e comprou-se tudo.

E assim nasceu, o conjunto “A Go Go”, cujo nome foi bastante contestado, pois queriam que se chamasse Os Charruas, contestando porque já havia em Portugal numa escola agrícola também, um conjunto com esse nome e acabou por ficar mesmo aquele nome. O conjunto aguentou-se enquanto eu estive na escola agrícola, tendo-se desfeito algum pouco tempo depois de eu ter saído da mesma.

VI

Tendo assentado praça como acima referido, na EAMA Escola de Aplicação Militar no Huambo, fiz aí a minha recruta, que foi bastante atribulada e a especialidade e fui graduado a furriel miliciano; mas na recruta, para não ter que aturar aqueles furriéis sádicos, até arranjei maneira de partir um braço, só para me ver livre também, daqueles exercícios militares.

E comecei por servir-me da situação, armando-me em fotógrafo, isto porque tenho um primo, o Zé Luís, que é amante da fotografia e tinha um pequeno laboratório fotográfico. Então funcionava da seguinte maneira: eu tirava fotografias no quartel e conforme desse, revelávamos e preparávamos as mesmas, durante as noites da semana, para que logo que possível, pudéssemos entregá-las e receber os respetivos pagamentos.

Terminada a recruta, comprei um carro de marca Toyota, Corola 1.200, em segunda mão, lindo! Logo que o vi, fiquei logo colado nele. Mas, faltava o importante para o poder utilizar, que era a carta de condução que não tinha, embora já conduzisse há bastantes anos.

Acontece que o GAC, um ramo do exército que era, Grupo de Artilharia e Campanha, tinha um dos campos de treinamento para a instrução de condutores militares, no caminho que eu usava, para ir para o bairro do Capango, onde eu vivia e seguia para o quartel. Então estavam ali como instrutores, dois amigos meus, também furriéis, a quem dei a notícia da compra do carro, ao que eles me aconselharam, como sabiam que eu não tinha carta de condução, a ir imediatamente para o quartel e pedir ao primeiro-sargento, que me incluísse na ordem de serviço do dia, a minha ida ao GAC, para tirar a carta de condução.

E assim fui no dia seguinte apresentar-me naquela unidade, tendo os meus amigos apresentando-me a um major, a quem eles já tinham falado e que me iria examinar.

Por coincidência, o camião que me estava destinado para o exame, era de marca Morris, igualzinha a um camião do meu pai, diferenciando apenas na cor e na lona, instalada na carroceria da mesma.

Arrancamos do quartel e lá fomos para dentro da cidade de Nova Lisboa, actual Huambo, porque os quartéis ficavam afastados da cidade, indo ele sempre tentando passar-me rasteiras, como por exemplo, entrar em ruas em contramão, enfim, fazer manobras proibidas. Como não caí em nenhuma, deu-me ordem de regresso ao quartel, mas antes, fomos para o campo de obstáculos, que era onde se faziam as provas finais, que era muito complicado, com ponto de embraiagem, estacionamento entre dois obstáculos, passagem em campo lamacento enfim, um monte de situações, a que estava mais que habituado, em que ele, a determinado momento virou-se e disse; vamos embora, que estou satisfeito. Quando chegou ao quartel, virou-se para os meus amigos e disse: pessoas a conduzirem assim, podem trazer sempre, porque fico com orgulho em lhes confiar a carta de condução. E passou-me logo a referida carta.

Outra passagem, foi quando o Xavier assentou praça, para o cumprimento do serviço militar, na Escola de formação de oficiais, eu já era furriel miliciano e preocupei-me logo, em ir procurar o meu grande amigo.

Eu tinha uma casa alugada em Nova Lisboa, num bairro chamado Capango, onde até me alcunharam, do rei do Capango. Então quando nos encontramos foi uma festa, pois já não nos víamos há um tempo. Combinamos encontrarmo-nos no fim-de-semana, que iria passar comigo e assim foi. Encontramo-nos e fomos passar o fim-de-semana, com umas namoradas que eu tinha arranjado previamente, deslocávamo-nos na minha lambreta e

combinamos fazer a festa em casa de uma das namoradas, que não tinha ainda luz elétrica e era com os “Katorcida”, candeeiros a petróleo com uma torcida para iluminação e a água era da “cacimba”, poço. E assim passamos um belo fim-de-semana com churrascos e cerveja e wisky dos tesos, que era uma bebida feita com Brandie Constantino e sevenup, ou coca cola e gelo.

Terminada a recruta e especialidade, estando integrado numa companhia de intervenção, que era a 202, fomos inicialmente colocados no Luando, Concelho do Cuemba e Distrito do Bié, destacamento esse isolado, que tinha uma unidade a seu cargo, que era o Massonde, que distava alguns quilómetros um do outro, e tinham apenas algumas lojas de comerciantes que tinham ali o seu comércio.

A permanência no Massonde, devido ao seu isolamento, era rotativa de xis em xis tempo. Estas zonas estavam em Zona Operacional militar, mais conhecida na gíria militar por “ZO”. (Zona Operacional) geograficamente, zona Leste de Angola.

Um das vezes que me calhou a rotação por essa unidade, estando de serviço à noite, fui chamado pelo sentinela que estava de guarda, em cima da torre de vigia, que me alertou para umas luzes que apareciam e desapareciam de local para local. Fiquei com ele a observar as tais luzes, até que verificamos que uma vinha sempre a direito, desaparecendo de vez em quando e em sítio diferente e pensei logo na possibilidade de um ataque do inimigo.

Pego na minha G3, metralhadora de fabrico português e aí vai disto, um tiro na direcção da luz que vinha pela estrada. Logo de seguida, oiço um grito de alguém, que se veio sempre aproximando e dizendo que era gente de paz. Quando chegou ao destacamento interroguei-o, vindo a saber que se tratava de um indivíduo que vivia ali no Massonde e que vinha de regresso de uma

visita que tinha ido fazer a uns familiares, e que se tinha atrasado no regresso.

No dia a seguir, em conversa com um comerciante dali; o sr. Rabaçal, falei-lhe na situação das luzes que se viam dali e foi então que vim a saber que, como era uma zona de produção de arroz, e estava quase na altura da colheita do mesmo, os populares para defenderem as colheitas dos pássaros, ficavam durante a noite com lamparinas, a acender e a apagar e batendo as palmas e brandindo alguns gritos, para afugentarem a passarada.

Uma das vezes que fui fazer uma patrulha de psico/social, a um dos aldeamentos mais populosos, o Sauanga, quando estávamos de regresso, caímos numa emboscada, tendo mandado logo as tropas reagir, até que em determinado momento me apercebo, que havia ali qualquer coisa a andar mal, pois não era suposto naquela zona sofrermos emboscada. Mas logo veio a informação via rádio, para nos afastar da zona imediatamente, em segurança, para determinado ponto, tendo sido evacuados passado pouco tempo, de helicóptero.

Cheguei ao quartel sem ter tido nenhuma baixa nem feridos e fui logo chamado para uma reunião entre mim, comandante da companhia e o chefe da DGS (direcção geral de segurança), que foi o que substituiu a PIDE (polícia internacional e defesa do estado), onde me pediram sigilo sobre a situação, pois tinha sido um erro estratégico, que provocou uma guerrinha entre os Flechas e os TEs, “tropas especiais”, tendo sido eu apanhado no meio da contenda.

Uma das principais tarefas que tínhamos também a nosso cargo, era a realização de operações de Psico/Social aos diversos aldeamentos. Outra era o reabastecimento dos géneros alimentícios, que era efectuado através do Caminho de Ferro de Benguela, pela estação do Cuemba.

Para desopilar a pevide, era frequente eu fazer várias deslocções ao Cuemba, para efetuar o reabastecimento.

Foi assim que numa dessas deslocções me informaram que, no entroncamento onde estava o desvio para o Cuemba, na estrada que ia para o Bié, passando pelo destacamento do Kwanza, que era para protecção da ponte sobre o rio kwanza, e seguia para Camacupa, Nova Sintra e Kunje, havia uma povoação chamada Chindumba, onde estavam umas professoras que se chamavam Ribas. Pelo que, numa das vezes do reabastecimento, desloquei-me á escola, para me certificar do grau de parentesco, o que vim a confirmar tratar-se de familiares.

Então, sempre que ia ao reabastecimento, parava um pouco ali, para cumprimentar as primas. Eis que numa dessas vezes, encontro lá uma nova cara, que era uma das irmãs das professoras, que estava de férias escolares e que ia ali passar uns dias, e convidaram-me para lá ir jantar, ao que aceitei.

Deixei o meu pelotão de folga no Cuemba e fui à Chindumba para o jantar. Quando me deparei com a prima de nome Ana Bela, que estava de férias. E passou-se algo em mim, que não sei descrever bem, mas acredito que tenha sido amor á primeira vista, porque fiquei preso por ela até hoje.

Mas isto sem antes haver alguns episódios, entre os quais este que se passou logo após o jantar, em que ela se retira para a sala de estar, senta-se num sofá, fecha os olhos e eu malandro, assegurando-me de não haver ninguém por perto, acerco-me dela de mansinho e dou-lhe um beijo nos lábios. Ai, ai, o que eu fui fazer, não queiram saber o chorrilho de Filho da pu..., cabr..., etc. etc. e algumas tentativas de me esbofetear, enfim, imaginem. Levanta-se o problema, sentindo-me então obrigado a retirar-me.

Bom, aquilo ficou-me gravado na cachimónia, sentindo-me obrigado a voltar lá no reabastecimento seguinte, para me retratar num pedido de desculpas, o que logo que me foi possível, lá estava eu perante a Ana Bela,

desfazendo-me em desculpas, justificando-me de ter tido um gesto movido talvez, por um impulso de atracção amorosa e não me contendo pedi-lhe namoro. Claro que levei logo com os pés. Saí dali desiludido, mas não me deixei ficar por ali.

Entretanto isto decorria o período das férias grandes escolares e elas iriam para Camacupa e depois para o Camato, que era onde o pai delas, meu novo primo, tinha uma fazenda, comércio e residência, enfim faziam ali a sua vida.

Então, quando elas foram para o Camato, eu arranjei uns dias de férias e lá fui conhecer os pais delas, que ficaram satisfeitos por me conhecer e entre conversas para verificação do grau de parentesco e outras situações, o senhor Joaquim, pai delas ficou a saber que eu também gostava de caçar.

Então, tive logo dois convites para ir caçar, um do meu primo Joaquim, pai delas e outro do irmão, o Quim, uma vez que era uma zona de caça grossa.

Fui primeiro com o Quim, fomos pela chana fora, a pé, em terrenos do primo Joaquim, até que vimos uma manada de Javalis (Focochero) a correr e vai o Quim, dá dois tiros e falha, passa-me a arma e eu pimbas. Lá matei um dos Javalis, que era grande e devia ser o chefe da manada pois tinha umas grandes presas, (dentes). Caçada efectuada, regressámos e o Quim não se calava a gabar o meu tiro certo. Passado uns dias, convidou-me o primo Joaquim, a irmos caçar, era uma caçada de espera, ficando num determinado sítio, onde a caça deveria passar e lá fomos esperando até que apareceu um Xissóvio, (antílope parecido com Impala, um pouco maior, mas que anda a maior parte do tempo, dentro de água). E então a cena repete-se, o primo Joaquim quer que eu atire, eu recuso, ele dá dois ou três tiros falha, passa-me a arma e eu, pimba.

Passei aqueles dias lá com eles sempre insistindo com a Ana Bela, no meu pedido de namoro, mas a coisa estava um pouco difícil. Até que de um momento para o outro, lá aceitou, mas com muitas reticências.

Vai daí que o Quim se apercebe de qualquer coisa, e começa a colaborar. E uma das coisas que ele fazia para ficarmos à vontade, era quando íamos para a sala de estar, após o jantar, punha no gira discos histórias da branca de neve, do capuchinho vermelho e repetia, repetia, até que os mais velhos se saturavam e acabavam por se irem deitar, ficando assim um pouco mais à vontade... relativamente.

Bom, acabadas as férias, aí vou eu para o quartel, Luando, claro que com o pensamento sempre no Camato, ou seja, na rainha do Camato. Mas, como naquele tempo o correio militar funcionava, lá nos íamos correspondendo.

VII

Passados estes episódios no Luando, veio o fim da operação Quissonde Um e início da operação Quissonde Dois, cujo objectivo era travar a progressão do MPLA (Movimento popular de libertação de Angola), para a zona centro/sul, tendo então a companhia sido transferida para outra zona, que não tinha nada, depois do Mutumbo e Umpulo, que era a nascente do rio Cuvelai.

A picada (aceiro), devido a textura do terreno, que era arenosa, a vegetação arbórea e arbustiva, pouca consistência tinha, permitiram que só com uma passagem para lá a derrubar árvores e mato e outra em sentido inverso, que a mesma ficasse feita. Tendo sido aberta uma clareira, no fim da picada para instalarmos o aquartelamento e uma espécie de pista, para as avionetas que chamávamos, “Tecoteco”, que nunca lá aterraram, por não haver condições de segurança, como minas, etc., sendo então o correio e os frescos, (hortaliça, e outros géneros alimentícios), largados do ar.

Havia muita caça; palancas, gnus, e outros antílopes.

Esta zona era tão má militarmente, por haver a colocação de muitas minas, pelos movimentos de libertação. E então, para se fazerem os reabastecimentos dos géneros alimentícios, e para se evitarem as minas, o que era normal nesta zona, tínhamos que ir a picar terreno, para ver se havia minas. E fazia-se o mesmo, em sentido inverso. Mas tínhamos sempre como companhia a chuva.

A princípio, transferia-se a carga de viatura para viatura, o que era bastante desgastante, moroso e incómodo, tendo então as altas esferas decidido, apenas pela troca das viaturas com as respectivas cargas, continuando a fazer-se o percurso, até ao rio Umpulo, metade do caminho para ambas as partes.

Numa destas viagens de reabastecimento, após a troca das viaturas e estando a chover e os militares cansados, após tanta insistência dos militares, para que andássemos uns poucos quilómetros sem picar, concordei. Saímos do sítio onde estávamos, em direcção ao quartel, mas não chegamos a fazer dois quilómetros, puuuuummm. Caímos numa mina, que rebentou na roda da frente da Berliet, que servia de rebenta minas, tendo o motorista ficado logo com as duas pernas partidas. Como a viatura ia sem cabine, descapotável, eu ia sentado entre a cabine e a carroçaria, e apanhei com o sopro da mina projectado nesse espaço, que me deixou quase todo nu.

Dei ordem aos soldados para reagir à emboscada que não aconteceu e depois deste sururú, passei á conferência do pessoal, faltando-me o Samuel, que era um tropa básico, (tropa sem qualquer instrução), que pertencia ao meu pelotão, mas era muito prestativo, muito humilde. Começamos à procura, gritando pelo nome, até que começamos a ouvir uns gemidos de resposta, fomos andando na direcção dos gemidos e fomos-nos aproximando e chamando e a dado momento rebenta ele: -estou aqui meu “furrier”- e lá estava ele, todo torcido no meio das raízes de uma árvore das que ficaram arrancadas pela engenharia, quando fizeram a estrada. Depois de o retirarmos de lá, sentou-se na picada e pergunta: isso é a mina, ou pineu que “riventô”?

Tinha uma particularidade muito importante que, quando saíssemos de patrulha, da sua ração de reserva, apenas levava latas de chouriço, nougat, coisas assim do género, latas grandes ficavam, e levava fuba e muita cerveja. Quando fazíamos pausa e autorizava, que fizessem fogueira, por não haver perigo, para aquecerem a comida, quando menos esperava, lá vinha ele com o chouriço e um pouco de pirão para mim e uma cervejinha. Claro, devolvia-lhe logo a minha lata de chouriço e o valor da cerveja.

Na tropa, quase todos os soldados da companhia, me chamavam de paizinho, pois quando me vinham pedir dinheiro, eu dava, quando estavam atrapalhados para conseguirem uns dias para irem visitar a família, era eu que ia falar com o capitão a pedir por eles, enfim, montes de situações.

Na companhia sempre fui o responsável, devido ao meu curso, pela agro/pecuária e ir á caça. Era uma zona de caça grossa, de palancas, olongos, gnus, impalas, etc. sendo fácil dar uma volta mesmo a pé e caçar uma ou duas palancas, para a companhia, mas sempre com muita segurança.

No Cuvelai, era possível de vez em quando, apanhar-se umas borlas e ir-se para o Bié, que era “relativamente” perto. E sempre que me fosse possível, apanhava sempre uns dias para ir ao Camato ou ao Vouga, escola de Madres, Magistério Primário, para formação de professoras, onde a Ana Bela estava a estudar.

Como se tornava um pouco difícil para poder namorar, o que é que fiz? Fui cortejando a mãe que era responsável pela Ana Bela, até que consegui namorar com ela e era a Ana Bela que vinha servir o chá. E assim conseguia que ela autorizasse a saída da Bela aos fins-de-semana, sob a responsabilidade do primo mais velho e que ia ficar em casa da tia Julieta, mãe da prima Guida e do falecido Quim, morto com outros jovens pela UNITA, por serem do MPLA.

Como tinha lá o meu Toyota Corola, íamos então para o Vouga povoação, para a casa da tia Julieta.

Nesta povoação, qualquer coisa servia de motivo para farra, pois havia muita juventude e nós claro, éramos sempre convidados. E assim, pela tardinha de domingo, lá ia o primo mais velho, levar a prima que tinha ido passar o fim-de-semana, com a família.

O meu Toyota chegou a levar doze pessoas. Até no porta bagagens iam. Isto aconteceu num carnaval, em que o conjunto contratado para as festas do

Vouga era fraco e nós fomos para a festa da Gare, outra povoação perto do Bié, antiga Silva Porto, onde estava uma festa animada, com um bom conjunto,

Com este carro, enquanto estive na tropa, nunca gastei dinheiro em combustível e lubrificantes, nem acessórios. Os meus soldados da manutenção, tratavam de tudo. O carro andava sempre com jerricans de gasolina, no porta bagagens.

Lembro-me de uma passagem com este carro, uma das vezes que estive no Bié (Silva Porto) depois de ter caído na mina, tive uns dias de recuperação, tendo ficado na unidade de cavalaria, Grupo de Cavalaria Um.

Um dia, cheguei a um cruzamento, da estrada principal, estrada nacional, que ligava o Bié ao Huambo e vi uma viatura a vir a alta velocidade, mas como dava tempo, entrei e passei, mas o condutor da outra viatura fez uma travagem descomunal, sem motivo absolutamente nenhum e começou a mandar vir. Eu saio do meu carro, mando vir com ele entre altos insultos. Ele faz inversão de marcha e aí vai ele. Fiquei sem perceber e lá vou eu em direcção ao quartel. Quando lá cheguei, estava o sargento da guarda á minha espera, e diz-me: - tu és maluco? Então vais insultar o senhor governador? Sobe que o Brigadeiro está á tua espera- Lá vou eu, faço as minhas cordiais saudações militares (continência e pedido de licença para entrar) e lá estava ele, bufando por tudo quanto era sítio, acusando-me de tudo.

Lá tive de pedir desculpas, alegando não ter reparado de quem era a viatura, nem saber de quem se tratava, levei uma grande descompostura, mas o que me safou, foi o brigadeiro conhecer-me e saber que eu estava ali, por ter caído na mina e estar em recuperação. Mas mesmo assim, não me livreí de apanhar uma repreensão registada.

Quando fomos rendidos do destacamento do Cuvelai, fomos transferidos para Camacupa, General Machado, ficando adidos à companhia que estava

nesta localidade, que era uma companhia do Grupo de Artilharia e Campanha.

O objectivo era fazermos a protecção da ponte sobre o rio Quanza, que ficava ali perto. Mas como o destacamento do Quanza, apenas comportava um pelotão, tornou-se rotativa a sua permanência.

Então fazíamos a rotação de tempos a tempos, tendo como responsabilidade, quatro objectivos principais; protecção da ponte do caminho de ferro de Benguela, sobre o rio Quanza, segurança da povoação que tinha o mesmo nome e que tinha um chefe de posto e umas quatro ou cinco lojas comerciais e protecção à Junta Autónoma de Estradas de Angola, que estavam a fazer a estrada de ligação ao Moxico e fazer MVL que era assegurar a escolta do comboio do caminho-de-ferro de Benguela, até á fronteira, Luau e regresso, sendo estes rotativos pela nossa companhia e por pelotão.

Acontece que numa dessas escoltas, em que estava nomeado, demorei um pouco e quando cheguei, já o comboio tinha arrancado. Meto-me a caminho para o ir apanhar na estação do Kuanza, mas, a meio do caminho, encontro uma árvore atravessada no caminho, numa curva, e eu ao desviar-me, o meu Toyota derrapou e capotou, dando umas voltas, devido à velocidade que eu levava. E assim foi o fim do meu querido Toyota Corola.

Fui socorrido pelo chefe de posto, de nome Candimba e fiquei alojado na casa dele, no posto administrativo do Quanza, de onde nasceu o a nossa grande amizade, começando até a tratarmo-nos por compadres. Foi ele que foi a Camacupa dar a notícia às entidades militares e o que me valeu, foi que nessa altura, o comandante do quartel, ser um capitão, (já falecido), com quem eu tinha bom relacionamento, considerou acidente militar, por estar de serviço no destacamento do Kuanza. E assim me inibiu de responsabilidades militares.

O nosso relacionamento era tão bom, que num ano em que festejei o meu aniversário em Camacupa, sugeriu-me que fizesse um pik nik, numa zona do rio Kukema, e que convidasse quem eu queria, entre civis e militares, tendo para o efeito disponibilizado, entre transportes militares, para o transporte das pessoas, logística, incluindo cozinha, etc. sendo apenas as bebidas por minha conta, que foram fornecidas pelo quartel, em boas condições (frescas), a preço da tropa. Claro que aquilo que eu caçava, cobria muito bem esta despesa e mais alguma coisa.

Com este senhor capitão, tive um episódio de caça que só visto.

Como eu era o responsável pela caça, para alimentar o quartel e o destacamento, ele entusiasmado, chamou-me e pediu-me para organizar uma caçada e que ele queria ir. Bom, assim fiz e lá fomos nós, para a chana do Ringoma, onde havia muita caça. Fizemos a caçada e no regresso, ao passar pela aldeia (sanzala) com o mesmo nome, havendo ali uma festa de batuque, dos populares, ele quis assistir.

Entusiasmado com a festa, ofereceu umas peças da nossa caçada, o que nos obrigou a regressar para repôr a situação. Fizemos a reposição, e quando íamos de regresso, ao passar por uma passagem estreita, com ravina dos dois lados, que era a única passagem que havia, lá estava o fiscal de caça, à nossa espera. Bom, aconteceu que o capitão, permitiu o fiscal de caça nos tirasse de dentro do Jeep, a caçadeira do capitão e o farolim de caça. Mas quando foi para espreitar para dentro da Berliet, apanhou o maior susto da vida dele, com os meus soldados a meterem bala na câmara das armas, que eram as instruções que eles tinham minhas, de não deixar ninguém interferir na coluna militar, principalmente fiscal de caça.

Se não fosse o capitão, a situação correria de outra maneira, pois a minha tropa estava instruída, para não acatar a ordem de paragem de ninguém, e se necessário fosse, afastar a viatura que estivesse à frente com o pára-choques

da Berliet e seguirmos caminho até ao quartel e depois alegava estar numa operação militar.

Mas como o capitão era maçarico, seguiu para Silva Porto, (Bié) e falar com o governador e explicar a situação, aproveitando a grande cunha do administrador de posto do Cunje Ivanhoé Matos, muito amigo do meu pai e meu também, de modo a que a situação não se agravasse. E assim lá conseguimos reaver as coisas, mediante o pagamento de uma multa, claro.

VIII

Cumprido o serviço militar pelo exército português, em Agosto de 1973, contra vontade minha, fui trabalhar com meu pai, senhor José Ferreira Ribas, (já falecido), mais conhecido por Zeca Ribas, proprietário de duas fazendas, uma delas chamada Môrro Azul, na zona da Munana, Canhara, Município do Balombo e Província de Benguela, com a promessa de sociedade nesta fazenda, onde produzíamos ananás, café, goiaba, maracujá, entre outras de menor importância. E como tal, tínhamos que fazer a venda e entrega dos produtos, aos vários destinatários, quer para fábricas para a sua transformação para enlatados em rodela, doces, sumos, vinhos, fruta cristalizada, e consumo em fresco, quer também pela exportação de ananás através do porto de mar do Lobito, outras vezes em Luanda sendo, esta actividade mais presencial, durante os anos 1973/74.

Nesta altura, fui logo à Escola Agrícola do Tchivinguiro, fazer os exames que me faltavam para terminar o curso.

Aceitei também ficar a trabalhar com o meu pai, além da insistência acérrima de um amigo de meu pai, o Chiquinho, porque também há bastante tempo que andávamos a fazer experiências, para conseguir o perfil do ananás perfeito, que obedecesse aos parâmetros exigidos pelos mercados do norte da Europa, com orientação do senhor Eng.º Claude Pye e Eng.º Carlos Fernandes, que foram também em parte os orientadores do meu estágio. Estagiei pela direcção de Agricultura de Benguela tendo como observador, o meu colega João Martins, (Bócas).

Pouco tempo depois do início das minhas actividades, em colaboração com o meu pai, em 1973/74, deu-se o 25 de Abril e em 1975 a situação da guerra civil em Angola, começou a ficar muito mal, porque o MPLA correu com todos os outros partidos de Luanda, onde a guerra foi muito séria e agravou-

se ainda mais com a declaração de independência proclamada pelo Camarada Presidente Dr. Agostinho Neto, a 11 de novembro de 1975.

A partir do início de 1975, com o evoluir da situação político/militar entre os partidos de libertação nacional, a situação como já disse, começou a ficar muito má e as viagens que se faziam para o Huambo, para entrega de ananás à fábrica, começaram a ser bastante atribuladas e perigosas, pelas situações inerentes à situação político-militar, como se dizia na altura, controlos militares, etc.

Num dia em que estávamos no Huambo, por termos ido lá levar uma carrada de abacaxi, a uma fábrica de produção de vinho deste fruto, paramos em casa de um familiar, que preparava a sua ida para Portugal, tendo este pedido para que levássemos os seus pertences (móveis e recheio da casa), para o pai dele. Mas apenas levamos uma parte, que era o principal, móvel de quarto, sala de jantar e estar, porque a situação se agravou e tivemos que sair dali, levando apenas essa parte e ficamos de na viagem seguinte, retirar o resto dos pertences. Despedimo-nos e regressamos a casa.

Mas, as móveis já não chegaram os pais, pois tivemos que os deixar no Monte-Belo, devido ao agravamento da situação político/militar para o Lobito se ter agravado.

Na viagem seguinte para o Huambo, para ir buscar o resto das coisas do meu primo, tivemos a primeira situação logo no Soque, uma povoação que ficava na estrada a caminho do Huambo, porque andavam lá os movimentos em guerra, não permitindo que se fizéssemos essa viagem. E por a situação político/militar ter começado a agravar-se muito entre a UNITA e o MPLA, tendo-se mesmo iniciado, os confrontos militares, também no Huambo.

Nessa altura, o nosso camião começou com um problema mecânico, uma fuga na sede de uma válvula do motor fazendo um barulho, semelhante a disparos de pistola.

Mesmo assim, aventuramo-nos a levar outra carrada de abacaxi ao Huambo, mas já não tivemos sucesso, por termos sido presos pela UNITA, no Alto-Hama, situação que nos pregou um grande susto, pois começamos a temer pelas nossas vidas, por estarmos ali a assistir ao massacre de pessoas, aguardando a nossa vez, mas de um momento para o outro, acendeu-se-me uma luz e logo que me apareceu um graduado da UNITA disse-lhe: -você querem matar os irmãos? Nós somos da UNITA, se têm dúvidas, perguntem ao “fulano tal” que era o responsável deste movimento no Monte Belo, e ele que vos confirme-. Como eles não tinham comunicação via rádio, após muitas reticências e dúvidas, pela mão de Deus, conseguimos a libertação. Imaginem vocês, eu naquela situação temendo o que pudessem fazer com o meu pai. Por mim, é como diz o outro... Com a graça de Deus, lá conseguimos que nos soltassem e depois daí, foi prego a fundo para casa.

Quando nos soltaram e chegamos ao camião e verificamos que não tinham revistado o mesmo, respiramos de alívio, pois ainda tínhamos as armas escondidas nos forros das portas e um monte de munições, na caixa da ferramenta do camião. E a partir daí foi prego a fundo até casa, tendo de parar só naqueles controlos, onde dizíamos logo, para tirarem o abacaxi que quisessem e assim, lá conseguimos chegar a casa, Graças a Deus.

Casei em agosto de 1974 em Camacupa, tendo após o casamento, levado a minha esposa Ana Bela para o Monte Belo, onde fiquei a morar, inicialmente hospedados numa pensão e posteriormente numa casa grande alugada a um primo, que tinha água canalizada, mas não tinha luz elétrica e as opções de escolha de casa naquela vila, eram nulas.

Os meus pais moravam na fazenda da Canhara e eu e a Bela no Monte-Belo, porque a minha mãe incompatibilizou-se com a Ana Bela, mesmo sem a conhecer, onde eu tinha de ir todos os dias para lá trabalhar.

Fase má em que tínhamos ficado sem motorista, tendo eu e o meu pai de nos revezarmos, para fazer o transporte e entrega do ananás às fábricas. As viagens eram feitas de madrugada, para que se chegasse cedo aos locais de entrega.

A Bela ia sempre comigo e quando me dava o sono ou cansaço, lá estava a Belucha a dizer que levava o camião. Nas primeiras viagens, confesso que estava um pouco receoso com a condução dela. Mas depois, era para o lado que melhor dormia, pois ela conduzia muito cautelosamente, metendo as mudanças na altura certa, o que me admirei, pois ela apenas tinha conduzido o meu Toyota.

Aos fins-de-semana e aniversários, apareciam sempre o Bócas e a família, este que estava como chefe da região agrícola do Bocoio, o Rui Carlos e família e o Queiróz, que estavam a trabalhar no Balombo nos serviços de emprego.

Foi nesta altura que eu festejei o meu último aniversário por estas paragens, onde apareceram estes meus amigos, mais as minhas irmãs, Lídia, a Natasha e o marido, tio Fançony e esposa, tio Gilberto, onde por brincadeira começamos a tocar, eu Rui Carlos e Queiroz viola, João Martins “Bócas” reco-reco, havendo uma particularidade bastante interessante, que era o Queiróz, imitar com a boca o som de saxofone ou trompete e assim, fizemos uma farra de arromba, com o grande apoio e participação das minhas irmãs Lídia, Bela e Tasha.

Então começámos a tocar aqui e ali na brincadeira, ao que começamos a ter convites para ir atuar aqui e acolá, como por exemplo, inauguração da casa de fados do clube do Bocoio, inauguração das piscinas do Kuto Kota do Balombo, e já tínhamos em vista outros convites para o Cubal, e outras terras.

Depois desta situação, devido ao agravamento da situação político/militar se começar a agravar, eu e a Bela fomos para a Canhara, juntando-nos assim ao meu pai, mãe e irmã Lídia, que ali estavam.

Tendo necessidade de cumprir os compromissos de entrega da fruta às fábricas, aventuramo-nos a ir ao Lobito levar abacaxi, já noutro camião, o que não conseguimos fazer por haver complicações nas estradas. E de regresso a casa, cruzamo-nos com grande movimento de Jeeps e tropas da Unita, mas não demos importância.

Chegados a casa, não encontramos nem a minha mulher, a minha mãe e a minha irmã Lídia. Ficamos bastante preocupados, temendo o pior, até que as vimos a descerem do morro para onde se tinham refugiado, com a ajuda de uns trabalhadores da nossa confiança, as terem feito refugiarem-se lá.

Então o que tinha sido? Era o tal movimento, que andava à procura de meu pai, porque um dirigente da Unita, tinha posto a cabeça do meu pai a prémio, por 10 mil contos na altura, por este ser do MPLA.

As coisas a partir daí começaram a complicar-se e resolvemos juntarmos-nos na fazenda Entre Rios no Monte Belo, pois a Morro Azul ficava bastante isolada e era onde estava também uma parte da família, meu falecido primo Álvaro, com a esposa e sete filhas.

Confrontações entre a Unita e o MPLA, sai um, entra outro, logo a seguir, sai outro e entra um e claro as complicações da passagem de militares que, imaginem...

Numa dessas situações em que o MPLA saiu vitorioso, o meu pai aproveitou para ir com a minha mãe à Canhara, buscar uma carrada de abacaxi, na camioneta Morris, pois eu já tinha desmontado o motor do jeep land rover e o motor da Toyota, devido ao problema que tinha dos “tiros” e para que não no-las tirassem.

Entretanto eu fui até ao Monte Belo, utilizando um camião da Fazenda Entre Rios, de marca Scania, muito velha, já com pouca compressão no motor, mal travava, sem motor de arranque, por isso é que não a tiraram, enfim, mas que ainda andava. Estacionei-a numa rampa a descair e coloquei uma pequena pedra um pouco afastada do pneu de traz, para prevenir situações e para que não rolasse por ali abaixo.

Queria aproveitar para ver se tinha sobrado algo da minha casa. Mas antes de lá ir, pus-me à conversa com os comandantes que lá estavam, mas de repente, apareceu um militar FAPLA a correr, com as botas desapertadas e grita; vocês estão a brincar ou quê? A unita já entrou, estão aí atrás. Eis que a partir daí começa um fogo cerrado, que só visto e ouvido. Qual barulho de chuva, em telhado de zinco, num dia de grande tempestade.

Eu corro para a Scania, entro, carrego na embraiagem e... lembro-me da pedra, que tinha deixado afastada e que agora se encontrava encostada a travar a camioneta. Salto da camioneta e qual Hulk, qual Super Homem, com pequenos balanços, a Scania galgou mesmo a pedra e eu salto para dentro, acciono o motor, o carro pega e aí vou eu. Quando entro na estrada principal, todo o fogo se concentrou na velha Scania e em mim claro, que inicio uma grande manobra de fuga aos zig zags e consigo safar-me daquele tiroteio diabólico. (O medo faz muita coisa)

Chego à Entre Rios, onde ainda tive uma breve discussão com o meu falecido primo Álvaro, porque ele não queria abandonar a fazenda, mas após muita insistência e fazer-lhe ver o perigo a que estávamos expostos e que estavam em risco, além da mulher, as suas sete filhas e assim, retirarmo-nos para o Bocoio.

Entretanto depois de algum tempo, começamos a ficar preocupados também, porque o meu pai tardava em chegar.

Pouco antes do anoitecer, lá vimos o camião do senhor Zéca, mais a Dona Luisa, a chegarem, passando logo aquele, a relatar as peripécias por que tinham passado, sempre com o seu bom humor e graça.

Foi então que viemos a saber que ele esteve quase a meter-se na boca do lobo, ao chegar perto de Monte-Belo, o que não aconteceu, por um trabalhador seu amigo que estava escondido no mato, à beira da estrada, ter saltado para a frente do carro, fazendo-o parar avisando-o do perigo que corria, por ter sido criado um controlo da UNITA ali muito perto, numa ponte, por terem tornado a tomar, aquela posição.

Conhecedor daquela zona toda, meteu-se por outra estrada, muito antiga, indo ter ao Bocoio.

Estivemos aí até ao dia seguinte, decidindo-nos por ir para o Lobito, pois ali já estava a ficar o ambiente político/militar bastante tenso e dúbio.

Chegados ao Lobito, fomos recebidos e logo instalados, por familiares e amigos, que ali estavam e começamos logo a pensar em fazer-nos à vida.

IX

Então eu e a minha esposa, fomos convidados pelo Tio Maninho Fançony e esposa, a ir viver provisoriamente com eles em Benguela, até arranjarmos casa, mas eu, entretanto fui chamado para começar a trabalhar na Delegação da Agricultura de Benguela e porque também pertencia àquela Delegação.

Comecei a trabalhar em Benguela, tendo como responsabilidade inicial, efetuar o cadastro da propriedade rústica da província de Benguela.

Era uma equipa formada por mim e o meu amigo Miranda, que já faleceu, tínhamos um Jeep Land Rover distribuído para o efeito e lá iniciamos o nosso trabalho.

No regresso destas missões de serviço, vínhamos sempre com o Jeep carregado de batata, banana, hortícolas e fruta, que os agricultores nos ofereciam. Passávamos primeiro pelo Lobito a distribuir pela família e amigos e depois para nossas casas em Benguela, família e amigos.

A 2 de Novembro de 1975, no cumprimento à palavra de ordem lançada pelo camarada Presidente Dr., António Agostinho Neto, mobilização geral, sou integrado nas FAPLA, tendo como missão, ordenada pelo comando provincial chefiada pelos comandantes, Monti, Kassanje, Libata e Cubano, e Comandante em Chefe das forças Armadas, da Zona Centro/Sul, em estabelecer contacto e fazer informação da situação da frente de combate de Quilengues. Só que quando pensava que ia até Quilengues, já encontrei a frente de combate, perto de Coporolo.

Na segunda deslocação, não sei porque me deu vontade de ir convidar o meu amigo e colega de serviço, Carlos Pinto, que estava tão bem descansado em sua casa e arrancamos no Lancia Beta, que me estava distribuído. Fizemos ainda uma paragem no Jaquelino, que estava a explorar as bombas de gasolina á saída de Benguela, na estrada desta para o Lubango e que

também tinha a parte de restauração, onde deixei ficar umas cervejas a gelar para as bebermos no regresso, pois já havia falta deste produto.

Quando chegamos à frente de combate, afinal a força invasora, já estava em Catengue e as tropas do MPLA (FAPLA) e cubanos, já se encontravam na serra do Huche, um pouco mais para traz. E apercebemo-nos que as coisas não estavam mesmo nada bem.

Perguntei o que se passava e eles disseram-me que os mísseis, não estavam espoletados e chamaram-me para subir ao morro onde estava instalado o lança mísseis, e verifiquei efectivamente, os mísseis batiam no centro da base deles, levantavam poeira e não rebentavam. E víamos os Sul-Africanos a saltarem de contentes no gozo, pois era uma das razões para que se estivesse a perder terreno, tão vertiginosamente.

Sáímos dali em direção a Benguela, e o Carlos Pinto vinha num Jeep que os cubanos pediram para levar e enviar com mísseis espoletados, (com espoleta, pois esta, é que provocava o rebentamento), quando surgem à minha frente duas Schymites, com os caracteres pintados com Unita, Fnla, Mpla, um só povo uma só nação, isto palavras de ordem do MPLA.

Quando vi isto pensei; até que enfim que desembarcaram o material, pois estávamos à espera desse descarregamento, através do porto do Lobito.

Mas isso não aconteceu, porque aquilo era dos Sul-Africanos e quando cheguei ao desvio da antiga estrada do setenta e cinco, que era logo ali perto, a seguir às curvas, saem dois camiões Mercedes Benz a par, ocupando a estrada toda, eu vou à procura da credencial que me tinham distribuído, para facilitar a passagem nos controlos e onde é que ela estava?

Somos então feitos prisioneiros pelo grupo constituído pelo ELP e Sul-Africanos e Batalhão Búfalo.(Mukankalas).

Só depois de nos prenderem e aprisionado a nossas carteiras com identificações e outros documentos, e mandarem-nos subir para cima dos

camhões, é que comecei a ver uma pontinha da minha credencial, que tinha tentado encontra-la e não tinha conseguido, no cantinho do pára-brisas.

Azar, porque não fui só eu que a viu. O condutor da Mercedes onde estávamos, que era ELP, também viu e foi lá com a ponta de um punhal e retirou-a. Logo que se apercebeu que era minha, ao fazer prova de pertença, através dos documentos que nos tinham apreendido. Só o vi a olhar para mim, abanar a cabeça e eu pensei logo, já estou lixado. Ainda por cima, logo de seguida revistam o carro todo e foram encontrar uma metralhadora, “PÊPEXA” e uns binóculos, no porta-bagagem, para grande surpresa minha, que não tinha conhecimento de nada daquilo.

Então a partir dali, as coisas pioraram mesmo a sério, para o meu lado. Logo após terem terminado a operação militar que tinham iniciado, mandaram-nos sair da camioneta, a mim e Carlos Pinto e irmos andando pela estrada em direcção a Catengue, para depois apanharmos uns carros que iam passar por lá e nos levariam.

Bem, aí percebemos logo a intenção do pretexto, começamos a andar, fazendo as nossas despedidas entre mim e Carlos Pinto.

De repente, ouvimos o barulho de um camião em alta velocidade, a fazer uma grande travagem, e um grande grito: - Carlos Piiiiiiiiinnnnntooooo. Tinha sido o enviado do Senhor, para nossa salvação. Quando olhamos para traz, ainda vimos os tropas todas, a baixarem as armas que tinham estado apontadas para nós, para nos fuzilarem.

O enviado Divino, era um grande amigo e chará, do Carlos Pinto, que se conheciam desde crianças.

Agora percebo o porquê, de ter levado o Carlos Pinto. Se fosse o Manuel ou outro, qualquer, não haveria charás.

Perguntou-nos o porquê de estarmos ali e lá nos justificamos dizendo que éramos da agricultura e que estávamos de regresso de serviço feito no

Cubal.

Perguntou se tínhamos fome e ofereceu-nos logo umas latas de atum, sardinhas e vinho e lá estivemos à conversa com ele, tentando justificar pela melhor, a nossa presença ali.

À noite, fomos transportados na carroceria de num Jeep Land Rover, amarrados às grades deste, debaixo de chuva, por uma picada horrível, cheia de buracos, para Catengue.

Pronto, aí fui logo separado do Carlos Pinto e lá segui a minha sorte. Ao tirarem-nos do Jeep, atiraram-me para o magote dos outros presos.

Como estava com as mãos amarradas nas costas e tinha chovido, as cordas começaram a apertar e eu não me contendo com as dores, comecei a gritar, a pedir que me aliviassem um pouco as cordas. Deram-me uma carga de pancada, em que os murros eram dados com os cotovelos, como é apanágio dos Sul-africanos e de tanta pancada, desmaiei.

Passado algum tempo, ao acordar do desmaio, começaram-me a dar pontapés e qual o meu espanto, num instinto de defesa levanto-me, olho para os meus braços e sinto-me solto. Alguém me tinha soltado as cordas. Levantei-me para me defender, e foi o pior que eu fiz, pois caiu-me uma carga de pancada que só visto. Fiquei com os olhos inchados, lábios enfim, numa lástima e foi aqui que me racharam o maxilar inferior.

Era aqui onde estava instalada a base da frente de combate dos sul-africanos.

De manhã cedo, chamaram-me, puseram-me fotografias aéreas fresquinhas à frente e começaram-me a fazer interrogatório, para que identificasse pontos estratégicos naquelas fotos aéreas. Claro que como estava com os olhos inchados, não consegui identificar nada certo, o que me valeu mais pancada. Então, levaram-me para um descampadozito, onde estava um militar patenteado do exército sul-africano e um tal major Batista, este era um

daqueles militares Portugueses, considerados heróis, que foram convidados pelos sul-africanos, para treinar e comandar o batalhão búfalo.

E estavam sentados no tronco de uma embondeiro derrubado e afastados dali uns metros, o Leonel, Albano Rodrigues, ambos já falecidos, o Carlos Pinto, meu companheiro, entre outros e aquele major, com uma caixinha de madeira nas mãos, que eu não sabia o que era.

Os soldados encaminharam-me até eles, major Batista e outro militar sul-africano, obrigaram-me a ajoelhar e colocaram-me nas orelhas umas pinças e foram-me interrogando e quando dão a volta à manivela da caixinha de madeira, é que me apercebo que era uma máquina de choques elétricos. E sempre que davam a volta à manivela, até me saltava a tampa da cabeça e a boca ficava completamente seca. Passaram das orelhas para os testículos e enfim... foi um regabofe, até eles acharem que era suficiente e não estarem a conseguir, que eu dissesse alguma coisa. Sou interrogado, massacrado, torturado, (choques elétricos) e pancada.

Depois daquilo tudo, como estava com a boca seca, pedi água para beber, e obrigaram-me a beber água suja, que escorria pelo chão, dos indivíduos que estavam a tomar banho.

A partir dali, começaram a chamar-me, comandante “Kudibanguela”.

Mandaram-me abrir uma cova, que pensei ser para mim, mas afinal não era. Mandaram-me ali enterrar mortos e tinha de abrir covas, naqueles solos de Catengue, que eram extremamente rijos e depois, enterra-los.

X

No dia seguinte a esta situação, fui enviado para o Lubango, através de um avião militar deles, para ser entregue à UNITA, com ordem de fuzilamento, que eu vi o major Batista escrever e assinar.

Mas, enquanto me levavam para apanhar o avião, iam-me assolando a cabeça e empurrando-me, para que eu fugisse, porque se chegasse à UNITA, estes iam-me cortar a língua, as orelhas e esquartejarem-me aos poucos. O que eles queriam era que eu fosse na cantiga deles, desatasse a correr e davam-me um tiro pelas costas e o assunto ficava resolvido.

Mas não fui na cantiga, meteram-me no avião e penduraram-me os sapatos ao pescoço. Quando cheguei ao Lubango, retiraram-me do avião e prenderam-me com umas correntes a um poste. Depois veio o aparato militar, em que me acorrentaram ao taipal traseiro de um unimog.

Então iniciou-se a ida para o Lubango, pois o aeroporto fica afastado uns quilómetros da cidade, sendo a coluna militar composta por um Jeep militar à frente, a seguir uma schymite, o meu unimog, depois uma schymite e a fechar a coluna, outro Jeep. Pararam junto da esquadra da polícia, perto do Hotel Metrópole onde fui apresentado como o comandante Kudibanguela, preso na frente de combate em Catengue.

Aí fui espancado, apedrejado, escarrado e chicoteado, até que me levaram para o bairro da Laje, onde fui entregue a uma unidade da UNITA instalada numa das residências daquele bairro, onde saio com mais uma carga de pancada e ter de atravessar aquele lance, até à entrada da garagem. E depois, empurraram-me para dentro dela, onde afinal, já se encontravam outros presos. Fecharam a porta e aí foi sempre a malhar. Eu atirei-me para o chão e ia escapando mais ou menos, porque fecharam a porta e aquilo ficou escuro, não me livrando de ter apanhado uns pontapés e umas coronhadas.

Pouco tempo depois, “transferiram-me” para outras “instalações”, que era o quarto de banho dos anexos da moradia, que mal cabia lá uma pessoa, onde encontrei um catecismo, que o conservo até hoje, um alguidar de plástico pequenino todo torcido, que aproveitei para fazer de almofada e um cartão que fôra de uma caixa, que era o meu colchão, isto naquela terra Lubango, onde faz muito frio.

Então começam as visitas, ao comandante Kudibanguela, sempre acompanhada das respectivas saudações de pancadaria.

Na noite de 11 de Novembro 1975, sou chamado ao gabinete do senhor tenente Duvala, que por coincidência eu conhecia, por ter passado também pelo Tchivinguiro como aluno, que desistiu logo nos primeiros tempos.

Apresentei-me lá, fazendo de conta que não o conhecia e então, ele vira-se para mim e diz-me; (sabia que neste momento estamos a comemorar em Luanda a independência de Angola?) E eu parvo, disse normalmente: é possível. O homem agarra na pistola e disparou um tiro na minha direcção, aí a uns dois metros de distância. Sorte que me passou de raspão, na barriga e nem sequer fez nada de especial. Era só para impressionar. Aquilo foi o cartão de visita.

Então, comecei a ser o bôbo da côrte, para os senhores graduados da UNITA, que quando saíam a altas horas da madrugada, das discotecas com as “Pês” namoradas, passavam por lá para ir mostrar o comandante Kudibanguela do MPLA, capturado na frente de combate. E nem imaginem o que se passava nessa altura, com aquelas filhas da mãe, que nem sequer sabiam pintar as beijas enfim, a quererem obrigar a mastigar e engolir os crachás da UNITA. Se não mastigasse, levava chapadas daquelas “SENHORAS”.

Valia-me o guarda que dormia lá todas as noites, a tomar conta daquilo, que graças a Deus, me safou de muitas coisas. Era ele que me fazia chás para

eu tomar, que me curaram as feridas que eu tinha na boca, feitos pelas pancadas que eles e elas me davam. Aquele homem era tão bom, que quando comecei a poder comer, partilhava comigo a sua comida, que era tão boa, os pirões de massambala ou de milho, com os molhos que ele fazia, o peixe seco assado enfim. Se ele já morreu, que o Senhor tenha a sua alma em paz, mas se não morreu, que lhe dê muita saúde e tudo de bom.

Então chegou o dia, que me foram buscar, para o fuzilamento, mas quis Deus, assim como de todas as outras vezes, que tal não acontecesse, pois quando estava a subir para a viatura, toda a gente começou a gritar mano Zau, mano Zau e foi cancelada, porque apareceu uma coluna militar, comandada pelo senhor Zau Puna, que chegou naquele momento vindo do Huambo, para ir buscar combustíveis.

E então, mandaram-me recolher às minhas instalações e viram-se para mim e dizem; estás com sorte hoje, mas não escapas.

Da segunda vez, foi porque quando ia a subir para a viatura, apareceu uma avioneta a sobrevoar o céu e toda a gente desatou a gritar por mano Chipenda, era a avioneta do Chipenda, dirigente de partido aliado da Unita, que tinha ido ao Lubango.

À terceira, como criei um “fleimão” muito grave no braço direito, em defesa dos golpes e pancadas que me davam, tinha o braço inflamado e muito inchado, ao subir para a viatura, deram-me uma coronhada no braço, o que provocou o rebentamento do inchaço, começando a lançar pús e sangue, parecendo uma mangueira dos” bombeiros”. Então, por razões óbvias, como o meu estado de saúde estava bastante debilitado, por grande sorte minha, foi ordenado por um capitão, de origem Cabo-verdiana, que presenciou tudo e que estava de serviço naquele dia e naquela unidade, que fosse levado imediatamente para o hospital do Lubango, ao que os militares foram dizendo que não valia a pena, porque já ia mesmo ser “matado”. Pela

insistência deste e contra a vontade dos soldados, fui mesmo levado para o hospital.

A recepção dos doentes naquela unidade, que estava em construção, era feita pelas traseiras, onde havia um hall muito grande e o registo de entrada dos doentes, era feito num dos extremos, que ficava um bocado afastado do centro, era escuro, e iluminado apenas por um candeeiro a petróleo artesanal, chamado “catessetesse”.

Acontece que, enquanto foram fazer a minha inscrição, tendo ficado sozinho, abandonado, no hall da entrada, mesmo à minha frente, abriram-se as portas de um elevador, de onde saíram umas enfermeiras e eu, não esperando por mais nada, aproveitando a distração dos militares, corri para o mesmo e entrei, tendo ido sair numa sala, que afinal era o bloco operatório do hospital, pois era o elevador de serviço a essa sala, onde se encontravam três indivíduos debruçados sobre um corpo numa marquesa de operações, (claro que a operarem um indivíduo, e que reconheci serem; os senhores, doutor Garcêz Palha, (já falecido), doutor Cordeiro e doutor Neri.

Aí, ouvi o doutor Palha fazer uma pergunta que não percebi, e que, por falta de resposta, pois estaria à espera de uma resposta das enfermeiras, foi repetida algumas vezes. Como não houve resposta às perguntas, o dr. Palha agarrou no holofote das operações e dirigiu-o na minha direcção. Surpreendido porque me conhecia, mas não estava certo, por causa do meu aspecto horrível, perguntou-me para se certificar se eu não era o sobrinho do sr. Eng^o Azancôt de Menezes, (já falecido) - por ter sido na casa deste, que ele me tinha conhecido, ao que confirmei. Isto porquê? Porque ele era vizinho do Eng.^o e via-me em casa dele de vez em quando.

Entretanto, começou-se a ouvir o estardalhaço que os militares, de quem eu tinha fugido, vinham a fazer à minha procura, subindo as escadas do hospital. Apercebendo-se do que se passava, o doutor mandou os colegas

prosseguiem com a operação sem ele, disse-me que me mantivesse calmo onde estava e saiu enfrentando os militares da UNITA, dizendo: a pessoa que vocês procuram está aqui, mas saiam daqui, vão chamar os vossos superiores, que venham cá falar comigo.

Bem, os militares da UNITA depois de muita discussão, lá aceitaram e foram chamar o chefe deles, que era o tenente Duvala, que apareceu no hospital, a reivindicar o meu resgate, ao que o doutor Palha lhe negou, dizendo-lhe que eu estava muito doente e que ficaria lá, sob a sua responsabilidade. Mesmo assim, o tenente Duvala insistia no meu resgate.

Entretanto, não sei como se proporcionou a situação, eis que chega o meu colega e amigo Xavier, que estava na FNLA.

Isto porque no meio das informações, que lhe tinham sido dadas no quartel, onde ele estava, disseram-lhe que entre os presos que eles tinham feito, que também lá estava um gajo do Tchivinguiro.

Isto era pura coincidência das coincidências, porque nada se coadunava nem com a situação, nem no tempo, nem na realidade.

Posto isto, dirige-se ao hospital para saber quem era o gajo do Tchivinguiro. Quando se depara com a situação, da discussão entre o Dr. Palha e o tenente Duvala, da entrega, ou não do preso.

Então, virando-se para o Duvala, disse-lhe que se podia retirar, porque eu passava a estar sob a responsabilidade da FNLA.

Muito contrariado, retirou-se mas sempre contestando. Então, o meu grande amigo e colega Xavier, pediu ao doutor que me chamasse e cumprimentamo-nos com um abraço breve.

Mais tarde, vim a saber haver um acordo entre o MPLA e o Doutor Palha, para criar condições para protecção dos prisioneiros que viessem a parar ao hospital, motivo porque fomos sendo alojados, no 6.º piso do hospital do Lubango.

E assim baixei ao hospital, onde logo que descomprimi, entrei em coma, pois já tinha tido dois AVC, sem me aperceber.

O que me aguentava, era a luta pela sobrevivência e claro, a mão do Senhor Deus. Isto tudo relatado depois, pelos médicos do hospital.

Depois de reanimado, fui sujeito a intervenções cirúrgicas, tendo então depois da minha recuperação e recobro, sido internado na enfermaria.

Aí encontrei e conheci outros “camaradas”, que aí se encontravam, como por exemplo, comandante Farrusco, ferido com um tiro no peito, na frente de combate da Matala. Mangas de Oliveira, (já falecido) e também ferido, a caminho do aeroporto do Lubango, com outros camaradas na mesma viatura, que foram mortos. O Diogo que era suponho eu, o chefe de gabinete do governador de Benguela na altura, que foi ferido com um tiro no pé, perto da serra do Huche, mesmo á minha frente. O dr. Romero (Divua), estagiário de medicina, no hospital do Lubango, entre outros.

Conheci aí também, o sr. padre Jorge, que tinha estado em Moçambique, com a Frelimo, que era o nosso apoio. Com ele, foram equacionadas várias hipóteses de fuga. Primeiro foi através de uma avioneta, pilotada por pessoa amiga e conhecida, que aterraria na reta da Humpata e assim apanhávamo-la aí e seguíamos para a África do sul. Eu neguei-me logo, por se por logo em causa o problema da côr, não só por mim, como também pela família do Farrusco, que eram todos mulatos, mulher e filhos, por causa do regime de apartheid existente na África do Sul.

Segunda alternativa, através de uma traineira que zarpava do porto de mar de Moçâmedes, para Luanda, ou mesmo para Portugal, tendo desistido desta, por ter havido grandes problemas na estrada Lubango/Moçâmedes, tendo até sido mortos alguns indivíduos que se deslocavam, para o mesmo efeito.

Pensámos em mais outras situações, que verificámos logo, serem muito perigosas e infrutíferas.

Entretanto, houve desentendimento entre as forças da UNITA, e as forças da FNLA e ELP, entrando estas em confronto armado, tendo a UNITA sido derrotada e obrigada a retirar-se do Lubango.

Foi um episódio de guerra, que assistimos em directo, pois estávamos no 6.ª piso do hospital e a ultima fase da guerra, desenvolveu-se mesmo ali à nossa frente, pois havia ali uma grande unidade da UNITA, e como nos interessava que a UNITA fosse corrida, fomos nós que íamos indicando e ajudando a progressão das forças do ELP/FNLA, que vieram por aquele flanco.

Com o calor da situação, o Farrusco entusiasmou-se de tal maneira que, como aquelas tropas não estavam a perceber as nossas indicações, deu um murro em cima da bancada onde estava uma caixa com agulhas para injeção a serem esterilizadas, ficando com um monte delas espetadas na mão.

Havia ali por cima do monte que flanqueava aquela área, um tanque comunitário de lavagem de roupa, onde se esconderam lá dentro alguns militares da UNITA. Quando as forças do ELP/FNLA, por fim compreenderam as mensagens por sinais, que lhes mandávamos, atiraram para dentro do casinhoto algumas granadas, e quando elas explodiram, saíram de dentro deste, apenas alguns dos militares da UNITA que se tinham ali refugiado aos pulos, que até metia graça, pois não conseguimos saber se eles estavam a dançar o malhão ou alguma dança muila. Mas não saíram todos.

Outro desgraçado que vinha a correr, chegou-se perto duma vissapa (pequeno arbusto), fez queda na máscara, mas nunca mais se levantou.

Vimos também um herói de peito aberto num Jeep, com uma metralhadora instalada num tripé, a subir pela avenida acima a varrer tudo o que se mexia.

Outro indivíduo com uma metralhadora de tripé, subiu para o telhado do Cine Arco Iris, também a varrer tudo o que se mexia à sua frente. E foi

assim, aquela parte do espetáculo que nos foi proporcionado.

Pouco tempo depois de isto se ter passado, presenciei das mais cobardes e horríveis cenas em situação de guerra, que foi quando acabou o espetáculo da guerra que assistimos ao vivo, entre aquelas forças, em que a FNLA/ELP correu com a UNITA do Lubango, fui para o meu quarto deitar-me, para descansar um bocado, quando entrou de rompante um tipo fardado, apontando uma pistola ao meu vizinho de cama, dizendo; “pensavas que não te apanhava”? E desata a descarregar o carregador da pistola, sobre o indefeso e acamado indivíduo, que acabei por não perceber mais sobre a situação, porque me atirei para debaixo da minha cama, antes que sobrasse alguma coisa para mim.

Mesmo assim, receando que se repetisse mais alguma cena deste tipo, ficamos um pouco mais descansados com a nossa segurança, pois que com a UNITA, era sempre uma incógnita.

Depois de baixar ao hospital, começaram a aparecer meus conhecidos e amigos como, Fernando Borges (já falecido), o Xavier, que me levaram escova e pasta de dentes, máquina de barbear, lâminas, creme de barbear, after shave e levavam-me sempre cigarros, que nunca me faltaram.

Por altura do aniversário da UNITA, que coincide com o Natal, depois de termos comemorado a consoada, que foi altamente rica, com ofertas de várias origens, onde não faltou o bacalhau, regado de bom azeite de oliveira de Portugal, vinagre, o leitão, vinhos sul-africanos e espumantes, mimos de Natal, frutos secos e outras iguarias. A dado momento, também apareceu o meu amigo e colega Xavier, acompanhado de sua esposa, a Lurdinhas, que me trouxeram um maravilhoso bolo, cigarros, etc.

Depois da ceia, chegou a hora de deitar e eu como estava com falta de sono, fui para o fundo do corredor, à janela, fumar o meu cigarro, pensando no que teria acontecido à minha família, principalmente à minha esposa Ana

Bela, que eu tinha deixado abandonada, sozinha e grávida, do meu primeiro filho com a Ana Bela, o Guevara.

Estava eu nos meus pensamentos, quando começo a ver uns clarões que pensei que seriam relâmpagos e uns trovões, pensando eu tratar-se de sinal de chuva. Mas pouco durou a dúvida, porque os trovões e relâmpagos foram-se aproximando, dando-me a certeza de se tratar de uma progressão militar, muito bem organizada, que até pensei que fosse o MPLA.

Fui a correr chamar o Farrusco em silêncio e quando chegámos à janela, a situação já estava mais audível e então abraçámo-nos de contentes a dizer que era o MPLA, que não havia qualquer margem de dúvida, para aquela organização toda. É nessa altura que quando nos virámos para o corredor, reparámos na presença do padre Jorge, que ali estava vestido de batina, o que nunca o tínhamos visto com tal e tendo entrado também pela porta principal, o que era a primeira vez e desenganou-nos dizendo que era a UNITA, e que os responsáveis Jorge Valentim e outros, já se encontravam no bispado. Entregou-nos umas batinas, para sairmos disfarçados de padres e disse-nos para pegarmos nas nossas coisas mais necessárias e chamarmos, quem achávamos que devíamos chamar, para sairmos dali o mais breve possível, o que o fizemos transportados numa carrinha.

Entramos no Bispado pela porta principal, eu, Farrusco, Diogo, Mangas e mais outros dois moços, que já não me lembro do nome deles. Quando íamos a passar frente à porta onde estava o Bispo e outros elementos do bispado e a UNITA à conversa, consigo ver por numa frestazinha, o Jorge Valentim e outros, tendo eu logo reconhecido este.

Claro que fiquei logo a bater mal, alterou-se-me o sistema nervoso e tive de fazer um esforço enormíssimo para me controlar, o que fui conseguindo.

Preocupados com a segurança e por esta implicação do bispado e achando que não tínhamos o direito de estarmos a comprometer tanto o bispado,

solicitamos que nos retirassem dali para outro lugar, o que só conseguimos convencer o padre Jorge, depois de uma insistência enorme, tendo então sido retirados dali, para o campo de refugiados do aeroporto do Lubango.

Sentindo-nos aí também presas fáceis e muito expostos, acordamos que ninguém sairia da tenda. Mas, qual foi o nosso espanto, quando vimos o Mangas de Oliveira a dizer que ia dar uma volta. Insistimos para que não o fizesse pois ele era a figura de mais fácil identificação, por ser alto e ter barba comprida e ter uma fisionomia inconfundível.

Claro que não passou muito tempo, que o vimos a entrar por um dos lados da tenda, a gritar que tinha sido descoberto. Por sorte que, naquele momento, apareceu o padre Jorge, que ia lá levar coisas e pedimos que o retirasse de imediato dali, o que o fez.

E vendo isto e os avisos que os ELP/ Sul-Africanos começaram a lançar comunicados através dos microfones, que se encontrassem alguém infiltrado, que faziam e aconteciam. Começamos a temer pela segurança das donas da barraca e não só e solicitamos também ao padre Jorge, a nossa retirada urgente dali.

Foi então que, o comandante Farrusco pediu que o deixasse ficar em sua casa, tendo-me convidado para ficar com ele, o que aceitei, dando-se assim início, à organização da nossa fuga para a mata, tendo o Farrusco mandado chamar primeiro o Quim Amaro e depois outros que eram seus conhecidos.

Comemoramos na casa do Farrusco a passagem de ano, bebemos o nosso champanhe, e fomos para o sótão dormir.

A partir daqui começamos a organizar a nossa fuga para a mata, que foi conseguida com a preciosa ajuda do padre Jorge, que ajudou na organização do percurso da fuga, com a colaboração dos padres das missões da Ngola e de Vila Arriaga e outros populares e catequistas, que sabiam haver pessoas

ligadas a estes, que sabiam onde estavam alguns grupos refugiados do MPLA.

XI

No início do mês de Janeiro de 1976, estando organizada a nossa fuga do Lubango para a mata, começou o padre Jorge a transportar-nos na Peugeot durante a madrugada, para não sermos detetados e reunimo-nos todos, na missão perto da fábrica da cerveja Ngola, de onde partimos. Grupo constituído por; Ribas, Farrusco, Mangas, Diogo, Romero, Quim Amaro e mais outros camaradas autóctones, dos quais já não me lembro dos nomes, sendo um total de dez e tendo o Romero preparado uma boa mochila com vários medicamentos, material de injeção e de pensos.

Arrancamos dali, tendo como um primeiro contacto na estação da Umbia, dos Caminhos de Ferro de Moçâmedes, o responsável daquela estação.

Mas acontece que chegados ao sítio perto da estação conforme previsto, fizemos os sinais combinados, sem obter qualquer resposta. Estranhando a falta de resposta, depois de alguma insistência, resolvemos eu e o Farrusco, ir até à estação para saber o que se estava a passar.

Foi aí, que depois de tomarmos todas as precauções, entramos dentro da estação, e vimos então os cadáveres deles, pois tinham sido todos mortos. Chamamos então o pessoal que quando viu aquilo, ficaram todos revoltados.

Então tivemos de prosseguir a nossa caminhada à deriva, sem qualquer orientação segura, tendo sido a mesma bem atribulada e recheada de episódios próprios de quem se infiltra numa área desértica e com a situação de revolta dos populares mucubais.

Perigamos muito e foi muito arriscado, porque os mucubais revoltados com os massacres que o ELP efetuava, quando viam alguém que não fosse de cor negra, queriam logo matar.

Então prosseguimos a nossa caminhada, tendo-nos acabado a água que levávamos e a comer o que nos aparecia, como mangas, quando apareciam,

massango (sorgo) e alguns frutos silvestres, poucos naquela altura do ano. E foi então que tivemos o primeiro problema de saúde com o Mangas, que começou a vomitar o que tinha e o que não tinha, tendo criado uma hipoglicemia de último grau.

Entretanto, enquanto o Romero fazia o que podia, ouvimos o trabalhar do motor de um carro, que se ia aproximando devagar e parando de vez em quando, o que nos fez ficar de atalaia, pois não sabíamos o que era e pedimos a um dos membros que fosse para a beira da estrada e se escondesse para ver quem era. Foi então que ele viu o Jeep Land Rover com um padre e dissemos para mandar parar, pois suspeitamos logo tratar-se do padre da missão da Bibala. Perguntou-nos logo se éramos do grupo dos presos do 6º piso do hospital, o que confirmamos, tendo ele dito que como não aparecíamos e sabia o que se tinha passado com os infelizes da estação do caminho-de-ferro vinha à nossa procura. Esposemos então a situação do Mangas, ao que ele concordou em que ele fosse evacuado para Lubango, ao que o Diogo também quis regressar.

Pronto, lá foram mais “dois padres” com as batinas que o padre lhes entregou para se vestirem. Então este disse-nos que ainda tínhamos que andar bastante para chegarmos à Bibala e depois desta teríamos de andar mais outro tanto e iríamos chegar a determinado sítio, onde iríamos encontrar um catequista da missão numa lavra e para nos identificarmos, que ele sabia o que tinha de fazer.

Assim eles foram para Lubango e nós continuamos a nossa odisseia, encontrando-nos a noite no caminho.

No dia seguinte, pegámos no caminho e quando começámos a pensar que já estávamos perto da Bibala, pedimos outro voluntário do grupo para seguir em frente até esta povoação e comprar qualquer coisa para comermos. O que

ele conseguiu apenas umas latas de sardinha, atum, pacotes de bolacha Maria e umas poucas cervejas bem quentes, o que nos soube que nem ginjas.

Devido ao que íamos comendo, massambala ou massango, frutos silvestres, começámos a ficar com disenteria.

Depois de comermos, seguimos caminho e a dado momento, atravessou-nos á frente do caminho um pouco afastado, um garoto mucubal, que se acachapou logo numa lavra de massambala ali existente e corremos para lá. Procuramos e lá o vimos acachapadinho ao chão, que mal se percebia. Fomos-lhe dizendo para que não tivesse medo, pois não lhe íamos fazer mal e que chamasse o pai, pois precisávamos de falar com ele. Foi quando nos apercebemos estar mesmo à nossa frente um homem, que começou por nos perguntar se éramos os presos do 6.º piso, blá, blá, blá, ao que confirmamos, e convidou-nos a acompanhá-lo a sua casa, o que assim o fizemos.

Chegados a sua casa, disse-nos para que aguardássemos ali, que ele ia à missão falar com o padre, para podermos depois seguir para lá.

Foi quando este nos disse, que estávamos a ser seguidos pelos mucubais há muito tempo e que se tivéssemos dado um passo em falso, tinha sido o nosso fim.

Apercebendo-se dos nossos olhares postos nos cabritos que por ali passeavam, disse-nos que escolhêssemos um e o preparássemos para o comermos e que pedíssemos á sua esposa o tempero que precisássemos. Não nos fizemos rogados “e em menos de um fósforo”, lá o tínhamos nas brasas, untado com azeite de oliveira, alho, sal e gindungo, que marchou em menos de um ai, acompanhado de um resto de bolachas Maria. O catequista regressou e pusemo-nos logo a caminho dentro da noite e quando chegamos á missão, lá tínhamos uma jardineira de galinha á nossa espera.

Enquanto comíamos, íamos falando com o padre, que nos disse que se o guia chegasse, podíamos continuar a caminhada, logo pela manhã.

Dormimos em boas camas e de manhã cedo quando acordamos, lá estava o guia à nossa espera e logo após termos tomado o café, seguimos caminho.

Fomos andando dando voltas e mais voltas, que nos apercebemos que era para despiste, até que chegamos a um aldeamento, onde tinham morto uns bois para comerem, que conforme iam cortando a carne, atiravam os bocados para dentro de dois tambores cortados ao meio, que estavam sobre umas fogueiras, para serem cozinhados.

Mandaram-nos sentar, deram-nos á moda rústica, uns nacos de carne, que devido à fome que tínhamos, estava a saber muito bem, mesmo sem sal.

Entretanto o Quim Amaro, (actualmente General), que levava uma maquina engendrada por ele, para enrolar cigarros, ia dando o seu show aos mucubais que estavam extasiados a verem como aquilo funcionava.

Estando distraído, por acaso olho na direcção do cabeço do môrozito, que estava á minha frente e vejo aquilo tudo cheio de mucubais, dando a sensação de um filme de cowboys, quando os índios se colocavam em cima dos môrros e iniciavam os ataques aos americanos e de repente, aquilo estava pejado de homens que passavam por nós e passavam pelos nossos pescoços aquelas mutongas, “espécie de grandes facas”, tipo adagas, bem afiadas, e luzidias, que até nos arrepiávamos, aparecendo logo de seguida uns indivíduos fardados, com a farda dos ODP, “defesa civil do MPLA”, que se atiraram logo ao Farrusca, “branco”, pondo a sua cabeça em cima de um cepo, para o matarem, perguntando pela defesa, “arma”, pelo que ele entregou logo a pistola que levava.

Foi assim que quase matavam o comandante Farrusco e talvez eu a seguir, o Quim Amaro, (actual General) o Romero, e todos nós que eramos claros, pois era a revolta qua tinham por causa dos horrores que o ELP tinha feito na zona.

Mas os nossos guias saltaram logo em nossa defesa, alegando que estávamos ali de passagem, pois íamos ter com o Afonso Maria (General já falecido), que tinha ali perto um acampamento, tendo eles dito logo aos guias, que fossem ter com o Afonso Maria, para saber se ele nos recebia no seu grupo.

E ficamos ali á espera até que, passado tempo, apareceu o guia a dizer que o Afonso Maria nos tinha aceitado no grupo pelo que, iniciamos logo a caminhada em direcção à base.

Fomos andando até que, pela tardinha, chegamos ao cimo de um môrro, onde havia uma ximpaca, (reservatório de água num buraco na pedra do môrro, onde se aprisionavam as águas das chuvas), para abeberamento de gado.

E acontece que por coincidência, chegamos ao mesmo tempo que os bois. Eu com a sede que tinha, foi luta com os bois, que me urinavam em cima e ao lado, na disputa pela água.

Afinal, qual o meu espanto, quando comecei a descer o môrro, apercebi-me que já tinha chegado, verificando que o acampamento estava mesmo ali perto, com um ribeirinho, cheio de água limpinha.

Os camaradas que seguiam na frente, não passaram por esta situação, porque iam com os guias, que os foram informando da proximidade do acampamento.

Ao chegarmos, sucederam-se as apresentações e cumprimentos.

No dia seguinte, verificamos que estávamos acampados numa fazenda que tinha aviários, pocilgas, um laranjal, um bananal e que por falta de rações, as mortes eram sucessivas.

Lá fui improvisando uma alimentação com troncos de bananeira, aproveitando fazer a limpeza e condução do bananal, indo à procura de môrros de salalé, (térmitas) para alimentar os frangos, com um Jeep Land

Rover que havia na base e fazendo tudo ao alcance, para minimizar os estragos. Todos os dias tínhamos churrasco com pirão de massango ou massambala.

Permanecemos aí, começando por organizar e efectuar acções de guerrilha, como acções para paralisação e até corte, da estrada Lubango/Moçâmedes, uma vez que a base era mesmo ali perto da estrada, no início da base da serra da Leba.

O objectivo, era indo sempre contrariando a ocupação por parte dos Sul-africanos, UNITA, ELP e FNLA.

Recuperei, uma arma G3, uma AKA e uma pistola 9 m/m, com as devidas munições, com a fuga dos guerrilheiros, que abandonavam as armas.

Numa das madrugadas, em que estávamos com emboscada montada na base da serra, começamos a emboscar as primeiras viaturas, tendo já recuperado um Jeep Land Rover e uma arma 22 Hornet, com mira telescópica e várias munições. Entretanto, começamos a verificar um fluxo grande de viaturas, em que umas eram abandonadas, por ficarem sem combustível, tendo os seus ocupantes que apanhar boleia noutros carros. Ficamos preocupados e resolvemos levantar ferro dali, pois não fosse o diabo tecê-las, pois não sabíamos o que se passava.

Isto aconteceu nas primeiras semanas de fevereiro em que, ao retirarmos do local da emboscada, passado pouco tempo depois de chegarmos à base, estávamos a comentar sobre a situação, quando nos apareceu o padre Jorge, na sua Peugeot e de batina, a solicitar que um de nós fosse com ele para o Lubango, para tomar conta da situação, pois que se encontravam as forças da UNITA em debandada e era imperioso que aparecesse alguém conhecido, para por pulso na situação.

Posta esta situação, sugeri logo que o melhor seria ser o Farrusco avançar, porque era uma figura conhecida, era comandante, e sabia como se mexer e

quem deveria chamar para o apoiar e começar a reorganizar as coisas, pelo que foi logo aceite a minha sugestão e lá seguiu o Farrusco com o padre Jorge com a promessa deste, enviar combustível, para recuperarmos as viaturas precisas, para o avanço para o Lubango.

Ficou também organizado um grupo meu, para seguir para o Lubango, e outro grupo chefiado pelo Afonso Maria, que seguiriam para Moçâmedes para igual situação, com outras viaturas abandonadas pelas tropas em fuga.

Foi então que nos apareceram os cunhados do Farrusco numa camioneta de meia carga, com alguns tambores de combustível.

Entretanto, aproveitamos para ir dando umas aulas de condução, a uns indivíduos que já tinham alguma inclinação para a condução e que já tinham conduzido minimamente tratores.

Organizadas as colunas, cada um seguiu para o seu destino.

Então, pela madrugada, começamos a nossa entrada na cidade, indo concentrar-nos no batalhão, mas não deixando de ter ainda alguns incidentes de pouca remonta, com alguns resistentes tendo assim assumido o controlo do Lubango e arredores.

Estava tomada a cidade e então em colaboração com Quim Amaro, começamos logo a tomar medidas para o controlo da cidade.

No dia seguinte, estando a UNITA preparada para se retirar através do comboio, o Farrusco telefonou ao maquinista da composição, dando ordem a este, para que os levasse até Folgares, ou Freixiel, ou uma das povoações ao longo da linha que reunisse as condições para reabastecimento do mesmo e que desengatasse o comboio da composição, que fizesse a manobra como se fosse reabastecer e que apanhasse outra linha contrária e regressasse rapidamente, deixando-os lá.

Claro que foi isso que o maquinista fez e quando nos apareceu no Lubango, lá felicitamos o homem, por mais esta vitória.

E assim permanecemos nesta cidade, fazendo operações de limpeza, onde chegou a não se ouvir um tiro ou escaramuça, que estávamos logo sobre o acontecimento. Tendo assim conseguido controlar quase na totalidade, a segurança da cidade.

E foi assim que ficamos, até que passados alguns dias, que já não posso precisar e perante a insistência dos nossos pedidos, às altas esferas do MPLA, em Luanda, via rádio, pois não tínhamos armamento conveniente, nem suficiente, para o caso de haver alguma retaliação da UNITA, é que chegou então a primeira coluna militar, constituída por companheiros Cubanos, comandados pelo compatriota cubano, comandante Leôncio.

Fomos nós, eu, Farrusco, Quim Amaro, e outros, que fizemos a receção àquela primeira coluna, da frente de combate, que tinha sido deslocada para nosso reforço.

Após a apresentação por parte do Farrusco, da situação político/militar, após uma refeição oferecida pela logística daquela frente, pois chegaram por volta da hora do almoço, iniciaram-se as operações militares de limpeza, para garantir a segurança e para que não ficassem bolsas isoladas para trás.

Fui então integrado num grupo de apoio a essa força, tendo avançado até a Chivemba, sempre com combates e outras cenas de intervenções de guerra e eu embalado naquela situação de vingança, contra os sul africanos, quando passados alguns dias, me informaram, que andavam uns senhores vindos do Lubango, à minha procura. Foram ter comigo três indivíduos, entre eles o senhor Fernando Borges, meu amigo e conhecido, também já falecido, e um indivíduo do banco de Crédito do Lubango, que andavam à minha procura, porque tinham recebido uma comunicação via rádio do banco, através de uma colega deles do banco do Lobito, que era a nossa amiga Manuela Parreira, “Lela” para os amigos, pedindo que confirmassem, se era eu o Ribas de Benguela.

XII

Então o que se tinha passado: - Uma senhora, enfermeira do hospital do Lubango, foi ao Lobito por qualquer motivo que desconheço, talvez de férias e em conversa com um senhor padre, que também era professor no Liceu do Lobito, que por sinal, era amigo e colega da minha irmã Natasha, que também era professora, na mesma instituição, por qualquer razão, contou a este que eu estava vivo e que andava lá pelas guerras.

Como este senhor padre conhecia a situação, telefonou à minha irmã a dizer que tinha boas notícias para ela, e que lhe tinham confirmado, que eu estava vivo.

Entretanto o meu caro amigo Diogo, “o antigo preso comum do piso 6º, do hospital”, do Lubango, telefona para a minha irmã já num adiantado da hora, a dizer-lhe também, que tinha boas notícias para ela.

Então ela já impaciente, pede a este para lhe confirmar se era sobre mim, o que ele confirmou que eu estava vivo e breve, estaria com eles. Pois afinal, ele tinha contactado com o Fernando Borges e tinham também articulado toda esta situação, para nos proporcionar, este reencontro familiar. E é assim que percebo depois, como eles vão ter comigo à frente de combate.

A minha irmã explodiu de alegria e depois de muita luta, também por código e utilizando a mesma rede rádio do banco que se disponibilizavam às escondidas, através da nossa amiga “Lela”, lá conseguiu também contactar com o meu pai em Luanda, que também não sabia do paradeiro dele e da restante família e transmitiu-lhe que eu estava vivo.

Foi assim que através destes contactos, soube da família, que estavam todos vivos e a família soube também de mim.

Foi aqui que o coração bateu e a cabeça voltou à realidade.

Achando não ser tão necessária a minha colaboração como militar aí, aproveitei boleia com o Fernando Borges e os amigos e regressamos ao Lubango. Acontece que durante a viagem de regresso, o Fernando Borges pedia-me constantemente, que fosse com ele para Benguela, pois viajar com um comandante, tornava-se mais segura a viagem. E assim foi.

Chegamos ao Lubango, preparamo-nos e logo pela madrugada do dia seguinte, seguimos rumo a Benguela no seu Land Rover donde seguimos logo para o Lobito, pois tive notícias naquela, que o meu pai estava no Lobito em casa da minha irmã Natasha. Ali chegados, deram-se os cumprimentos de comoção e alegria do momento, do filho, irmão e cunhado que tinha morrido, que afirmaram, que me tinham visto morto numa valeta na estrada.

Então o FBorges seguiu à sua vida e eu e o meu pai combinamos no dia seguinte ir para o aeroporto de Benguela, para apanharmos voo para Luanda, onde se encontrava a minha esposa e o resto da família. Qual é a minha surpresa, ao chegarmos ao aeroporto, também vinha a chegar o FBorges, que também ia para lá. O meu pai vê uma avioneta Cessna a querer fazer-se á pista, chama-nos, vamos a correr, o meu pai sempre acenando ao piloto para lhe chamar a atenção, o piloto olha para nós e o meu pai faz-lhe sinal de boleia. Notamos através dos seus lábios a perguntar: “LUANDA”?, assinalamos que sim, ao que ele acena para que avançássemos.

E assim apanhamos boleia na avioneta até Luanda e pedi ao meu pai que me levasse primeiro à minha esposa, que estava em casa de uma amiga e se encontrava grávida do meu primeiro filho, o Guevara e assim o fez.

Claro que quando cheguei perto da minha esposa, nem eu nem ela tivemos palavras, devido à emoção tão forte, que é difícil de explicar e só é compreensível por quem passa por elas.

Depois fui ver a minha mãe que ao ver-me, lhe ia dando um “treco”. Depois foram os cumprimentos ao resto da família e amigos e colegas.

Estive uns dias em Luanda onde um primo meu que fazia parte da segurança do Presidente Agostinho Neto, insistia comigo para ir falar com este. Aceitei e fomos ao palácio. Quando lá chego, lá estava o amigo FBorges. Estive a falar com ele e só aí é que ele me disse, que estava ali para falar com o Presidente, pois trazia os acordos de paz da parte sul-africana, para que o Presidente os assinasse.

Foi aqui que o FBorges me fez o convite para regressar para o Lubango, pois ele me oferecia a casa que era de um irmão, que nunca mais regressaria a Angola.

Analizando isto e ainda com o pensamento posto nos soldados que tinha deixado por lá, aceitei regressar.

Ainda em Luanda, fui-me apresentar aos meus serviços, Ministério da Agricultura, onde estive em conversa com vários colegas e amigos, que me chamavam de herói vivo, etc. etc., tendo dito ao Ministro, que ainda iria ao Lubango e depois logo resolveria a minha vida.

Passados alguns dias, foi organizada uma grande coluna, para o regresso a Benguela, das pessoas que tinham fugido para Luanda, de Benguela, Lobito e outros sítios e que estava refugiada em Luanda. E como o “tio” Maninho Fançoni, tinha o carro da esposa para levar para o Lobito, e não tinha ninguém de confiança que o levasse, pedi-me que o fizesse, ao que aceitei, pois não tinha viatura.

Foi uma viagem complicada, com a Ana Bela grávida, que naquele estado, volta e meia pedia para parar para urinar e isto também, devido ao nervosismo e receio, devido às cenas de guerra, deixadas no terreno, como minas não acionadas, ao longo da estrada, pontes rebentadas, tanques de guerra rebentados e todo aquele cenário de guerra.

Seguimos para Benguela onde nos encontramos com o FBorges e partimos com este no seu LandRover para o Lubango, indo logo diretos á minha nova

casa oferecida por este.

Era uma moradia de luxo, muito agradável bem mobilada e apetrechada com bons eletrodomésticos e roupas de casa.

Mas quando cheguei a esta cidade, a desilusão foi tão grande, que me apeteceu logo ir-me embora dali, por causa da situação descontrolada de guerra que estava instalada. Desiludido com esta situação, permaneci por ali uns dias, tendo depois ido ter com o FBorges, a quem transmiti a minha desilusão e que me ia embora. Pedi-lhe que me fizesse o favor de emprestar um carro, e assim foi. Empréstou-me um Toyota Corola, igualzinho ao que eu tinha tido, só de cor diferente.

XIII

E assim arrumamos as nossas poucas embambas, (pertences) e com o acordo da Ana Bela, lá regressamos à Província de Benguela, tendo-me reintegrado na Delegação Provincial de Agricultura de Benguela como tecnocrata, reassumindo assim as minhas aptidões e posição profissional, como técnico agrícola que sou.

Como não tínhamos casa em Benguela, começou a ser o Toyota a nossa casa.

Nos primeiros dias, andamos á procura de casa, mas estava tudo tomado e ocupado. Entretanto enquanto isso, dormíamos na praia, lavávamo-nos na bica do parque e nos balneários da Delegação da Agricultura, onde trabalhava.

Estacionava o carro nas traseiras da antiga escola alemã, que era a sede do meu serviço, entrava para o trabalho e a Bela ficava no carro com a sua “barrigona” bonita, que me enchia de orgulho. Quando chegava à hora, ela fazia o almoço num fogão a petróleo, de marca “PRIMUS”, numas painelas que tínhamos comprado no Lubango, aliás, como todas as outras coisas que tínhamos, alguma loiça e talheres. Comíamos sentados nuns bancos de madeira que havia por ali.

Aproveitávamos depois do almoço, para ir dar uma volta à procura de casa e depois de sair do serviço à tarde, aproveitávamos para continuar à procura e fazer compras, não tendo tido sucesso durante algum tempo.

Íamos para a praia onde fazíamos o jantar, comíamos e ainda aproveitávamos para procurar casa, pois aquilo não era vida, principalmente para a Bela na situação em que se encontrava. Á noite dormíamos na praia que, coitada da Bela mal dormia, com medo dos caranguejos que havia na

praia e de vez em quando, ia para dentro do carro, mas depressa de lá saía, por causa do calor e dos mosquitos.

E andamos nisto alguns dias, até que numa das muitas voltas de procura, lá nos apareceu uma casa, que nos cativou, embora estivesse muito maltratada, mas reunia algumas condições.

Iniciamos os trabalhos de limpeza, recolha de lixos etc., onde se encontravam algumas munições das armas que os indivíduos que lá tinham estado, deixaram ficar por lá espalhadas, pois eram militares dos movimentos políticos, que lá tinham estado e razão pela qual, ninguém tinha pegado nela.

Entretanto, eu tive que sair para ir fazer umas compras e a Bela continuou os trabalhos, e deu-lhe para deitar fogo ao monte de lixo acumulado, só que de um momento para outro, as munições começaram a rebentar, tendo ela fugido com aquela barriga enorme e se abrigado num sítio, o que a salvou, pois houve ainda uma delas, que lhe passou a rasar. Quando eu cheguei e ela me contou aquilo, estive vai-não-vai, para abandonar aquela casa, mas era o que havia.

Entretanto passou por ali o meu antigo colega do 6º piso do hospital, o Mangas de Oliveira, que se apercebeu da minha presença ali e foi-me lá cumprimentar.

Pouco depois, chegou o responsável da logística do MPLA, na província, que vendo ali o carro do Mangas e precisando de falar com ele, foi lá ter connosco, a quem este me apresentou e lhe falou da nossa situação e da minha participação na guerra.

Aí o Mangas perguntou-lhe, se não se arranjava nada para mim, pois estava a limpar a casa e não tinha mobiliário nem nada. O homem nem vacilou e chamou-me logo para o acompanhar ao armazém, pondo-me à disposição para escolher o que quisesse, o que assim o fiz, tendo ele logo mandado

carregar num caminhão, com o que tinha escolhido, mobília de quarto, com colchão, sala de jantar, fogão, frigorífico e mais, trocou-me a mobília de sala de estar que eu tinha escolhido, por uma de cabedal muito gira e boa, com uns pufes, mas muito melhor do que a que tinha escolhido. E assim passei de quem nada tem, para um desenrascado com casa mobilada.

Depois de me instalar, foram aparecendo alguns indivíduos, antigos trabalhadores do meu pai, a pedirem-me emprego e eu empreguei os necessários, que a Bela concordou, pois precisava, que foi um guarda para as noites, uma lavadeira e um cozinheiro, pois iria precisar deles para a continuação dos trabalhos.

E assim fomos continuando, arranjando e melhorando as coisas de casa, criando até uma dispensa na garagem da casa, pois era necessária, porque na altura, aproveitava-se comprar o que aparecesse, devido à situação, de começar a haver falta de géneros.

Passei esta situação toda com a minha esposa, sem que a minha família se tivesse apercebido de nada disto.

Entretanto, chegou a altura do parto do Guevara.

Quando chegou a hora, estávamos a dormir e entretanto a Bela diz-me; - Leva-me ao hospital, porque estou com dores e penso que está quase. Assim fiz, levei-a ao hospital em que por sorte, estava de serviço uma parteira que era quase como família, que me tranquilizou, dizendo que fosse para casa pois ainda faltava um bocado e que quando chegasse a hora, me telefonaria a avisar. Fui para casa, e fiquei sentado na sala de visitas, a beber o meu copo e a comer uns snacks, até que por volta das 4 horas da madrugada, toca o telefone a dizer-me que podia ir, pois estava quase. Fui para lá e quando me chamaram e apresentaram o novo membro da família, fiquei orgulhoso e quando deram ordem para que a parturiente fosse para casa, levei-os e depois, comecei a telefonar para a família e amigos, a dar a notícia.

Passados uns tempos, fomos ao Lobito eu e a família, Bela e Guevara, visitar os familiares, meus pais e outros, indo como não podia deixar de ser, à casa do meu tio Gilberto, casado com a minha tia Natália, bom homem, curtido, pescador, que vivia no Lobito Velho, onde tinha a pescaria.

Estávamos a beber umas cervejas e a comer um rico marisco, que ele tinha sempre em casa, quando reparamos á nossa frente, uma pata, frente a uma lata de sardinhas vazia, deliciando-se como se estivesse a banhar-se. Achamos piada aquilo e o meu tio Gilberto virou-se para nós e diz; esses patos todos que aqui estão não dão nada, só fazem lixo, e as ratazanas, comem-lhes os filhos todos. Como vocês têm bom quintal, levem-nos. E assim fizemos. Ele mandou os empregados apanhar os patos, que já não me lembro quantos eram, mas eram poucos e levamo-los para casa.

XIV

Criamos as condições, ninhos, banheiras, comedouros, bebedouros, etc.. Qual o nosso espanto, que em menos de pouco tempo, andavam montes de patinhos a correr pelo quintal, pois que a maior parte das patas, tirava ninhadas de vinte, vinte e tal pintos, que se foram reproduzindo e reproduzindo cada vez mais.

Entretanto fui criando melhores condições, levantando um murinho numa ala do quintal, cercando com rede e aplicando teto, cimentando o chão todo, pois os patos são muito porcos, estando sempre a defecar a todo o minuto, criando assim, um pequeno patíbulo.

Era hábito as pessoas, colegas e amigos, passarem sempre por nossa casa, para dar um olá. E numa dessas alturas, tendo havido uma diretiva do Ministério da Agricultura para que as unidades de produção, iniciassem também a criação de patos, indo lá a minha casa um colega, chefe de uma das unidades de produção, que ao ver tanto pato e como ele ia receber pintos do dia (galinhas poedeiras) e não tinha conseguido arranjar rações suficientes para lhes dar, fez-me a proposta de levar aquela patada toda, em troco dos vinte mil, pintos poedeiras que ia receber, dando-me todo o material que já tinha como, comedouros, bebedouros, lâmpadas de aquecimento e outros.

E assim fizemos o negócio, tendo depois tido a necessidade de aumentar as condições, tendo que alugar uns aviários que estavam abandonados, aumentando assim a capacidade para as poedeiras, implicando maior trabalho e consumo de rações. Para resolver a questão das rações, criei um moinho, com tremonha, movido a um motor elétrico e fabricava a minha própria ração, com ingredientes, como premixs para as rações, vacinas, antibióticos, vitaminas, torteauxs, etc., que eu conseguia arranjar. Mandava

vir da Africa do Sul através de amigos e conhecidos, os permix, vacinas, vitaminas etc. e sempre que ia a Luanda, conseguia sempre arranjar além dos medicamentos, algumas rações, que aproveitava enviar através do camião do meu pai, de um primo, ou outros.

Os ovos que as galinhas da minha esposa produziam, pois este negócio era dela, porque eu, como funcionário público, não podia ter outros negócios, eram muito procurados, porque era um ovo sem aguadilha e a gema com um amarelo muito vivo, que era o que tanto as doceiras, como o cidadão comum, queria este tipo de ovo que enchia o olho.

XV

Em 1976, fui nomeado como Delegado Municipal da Agricultura, para chefiar a região agrícola do Bocoio e Balombo tendo como função a gestão técnico-administrativo e a gestão técnico-administrativo e organização do cadastro.

Comecei com a preparação de 2.000has, onde se semeou milho e pelo agravamento da situação político militar, tive de abandonar aquilo, por falta de apoio do comissário municipal e para a unita ir fazer a colheita.

No Balombo, uma vez saí para ir a uns aldeamentos, como normalmente fazia, na estrada sentido Balombo/Ganda, quando me apercebo de um indivíduo de cor branco, vestido com umas calças feitas de lona, um colete também de lona, com uns “lohacos”, (calçado típico Angolano), uma mochila de lona e uma bateria na cabeça, estranhei tal situação e como andava com sede aos Sul-africanos, pus logo a hipótese de poder ser um daqueles que ficam abandonados em campo de guerra, por qualquer motivo. Agarrei na minha G3, ponho bala na câmara e digo assim; lá vai um Sul-africano pró galheiro. Mas, ao aproximar-me, quando vou a passar por ele e estávamos a par, ele olha para mim com um sorriso e qual o meu espanto, que se tratava de pessoa conhecida, filho de um madeirense conhecido, que tinha sido empregado de um senhor, vizinho de fazenda do meu pai.

Levei-o para a sede no Balombo, para as nossas instalações, mandei-o tomar banho, mandei fornecerem-lhe roupa, calçado e um sítio para dormir e fazer as refeições, que as fazíamos todos juntos num improvisado refeitório. E assim ficou ele a trabalhar na agricultura, tendo com o decorrer dos anos, tornando-se um dos homens mais ricos de Benguela.

Entretanto eu, por agravamento da situação político militar e não só, porque sempre que queria reunir com o comissário municipal, ele estava ocupado

em reuniões, dizia ele com o povo, quando se tratava apenas de umas quimbombadas (bebedeiras com cerveja artesanal) com os populares, chegando até a vestir-se com panos, para ficar igual aos populares.

Vendo que dali não fazia nada, sou obrigado a retirar-me da região, para a Delegação Provincial em Benguela.

Quando chego, sou abordado por um grupo de militares do MPLA, que me perguntam, se tinha conhecimento, que se ia proceder à troca da moeda. Digo que não e ficam admirados, pois eu deveria ter sido informado pelo sr. Comissário, o que não aconteceu.

Também resolvi sair dali, devido ao agravamento da situação militar.

Nesta altura, como o ministério ia distribuir viaturas novas, autorizou que as delegações provinciais dos Ministérios, procedessem à venda das viaturas usadas, que tinham sido confiscadas pelo governo.

Propus-me à compra de um Audi 100 LS, que sabia estar em bom estado, de cor preta, com cromados e ofereci-o à Ana Bela.

Esta parecia ser uma viatura governamental, o que valeu muita das vezes à Bela, pois até os policias sinaleiros, batiam continência à passagem da senhora, pensando tratar-se de grande dirigente.

Eu tinha o meu Jipinho, com o que ia fazer as minhas caçadas e pescarias, ao fim de semana, com um grupo organizado e normalmente arrancávamos às sextas-feiras, depois do fim do serviço.

A nossa base era na praia chamada Limagens, que ficava perto da Baía dos Elefantes. E a combinação era; na ida, ia já uma equipa a caçar e quando chegássemos, se já tivéssemos conseguido caçar algum Olongo, (Ungir) ou gazelas, o estipulado por equipa, avançava logo a outra para a caça e a outra ia pescar e no dia seguinte trocávamos, e vice-versa.

Tínhamos uma equipa que estava tão bem organizada, com: carro da logística, que além da logística normal, contava também com gelo, que para

além dos nossos uiskyes e gins tónicos, servia para acondicionar a carne e o peixe que caçávamos e pescávamos e levávamos para casa para nosso consumo e da família, contando até com os amigos; O carro oficina, que até tinha instalado um sistema de tiragem de cerveja a copo (fino), funcionava tão bem, que em qualquer parte que se quisesse beber um fino, era só abrir a torneira do barril e aí estava ele a estalar. Também a oficina funcionava bem, pois estava a cargo de um bom mecânico, que foi o que improvisou o sistema da tiragem de finos e não só.

Pescávamos à linha, chegando a apanhar meros com 45 quilos. Quando dava para o cachucho, vinha a linha cheia, aos cachos.

Lembro-me de uma vez que o meu pai foi connosco passar o fim-de-semana às Limagens, e quando estava a pescar, começa a puxar a linha, que era preparada com vários anzóis para esta pesca, e começa a ver aquele cortiço de cachucho todo a sair, nem queria acreditar.

Normalmente, iam sempre algumas, ou todas as nossas esposas. Elas cuidavam das refeições e outras tarefas domésticas, enquanto tratávamos das outras situações. Acondicionávamos a carne e peixe nas caixas do gelo, já com as etiquetas para quem eram endereçados.

Ao domingo, era almoço, seguindo-se o regresso.

Quando chegávamos a Benguela, estacionávamos o meu Jeep e o carro das encomendas dentro do meu quintal, que normalmente era o jeep de um grande amigo.

Geralmente quando chegávamos, já estavam amigos à espera da nossa chegada, para receberem as suas ofertas.

Isto funcionava reciprocamente com os amigos de alguns sectores do governo e outros amigos, que quando havia novidades de vestuário, calçado ou outros géneros, éramos os primeiros a saber e a beneficiar daquilo que

nos interessasse, para consumo próprio, principalmente para os nossos filhos.

Na altura, eu andava com a mania da caça submarina. E até conseguia pescar uns peixes.

Acontece que um dia, não sei o que se passou, mas deve ter sido auto-sugestão pois tinha visto o filme, O Tubarão, apanhei um susto muito grande, nas profundezas do mar, atrás de uns Meros. Não sei o que vi, que larguei tudo, até a arma e subi à superfície e desatei a nadar em direção ao barco e nunca mais fiz caça submarina.

XVI

Fui depois colocado no Cubal, como Delegado Municipal da Agricultura, para chefiar a região agrícola de 1976 a 1978, depois de ter saído do Balombo, tendo como função, a gestão técnico-administrativa, a organização do cadastro.

Quando fui para o Cubal, a minha esposa também foi comigo

Trabalhei aí onde fiz cerca de cinco mil has de milho, dois mil has de algodão, 10 has de batata, 5 has de tomate, recomecei a reconversão do sisal tradicional, por sisal de variedades híbridas, e outras culturas mais.

Para fazer isto, tive de fazer desmatações equilibradas e ordenadas, preparação de terras, sementeiras, etc.

Quando fui para o Cubal, a minha esposa também foi, bem como o filho mais velho, o Guevara, tendo sido assim muito mais fácil arranjar ali uma casa para nós.

Por vezes, quando precisava de sair daquele ambiente, íamos passar os fins-de-semana a Benguela e juntava-me ao grupo que tinha para fazermos as nossas caçadas e pescarias.

Certo dia ainda no Cubal, estando lá a minha sogra que tinha ido para ajudar a filha, minha esposa Ana Bela, que estava grávida do segundo filho, por volta do meio-dia, apareceram em minha casa, o meu pai, o meu tio Gilberto, o meu compadre Luís Cardoso, prima Joaquina e mais outros amigos e a casa ficou cheia.

A Bela estava na cozinha com a mãe, mas de um momento para outro, dirige-se para o quarto, e eu segui-a. Deitou-se e disse-me que estava a sentir muito mal.

A casa do Médico era perto da minha e o hospital também era perto, do outro lado da rua. Espreitei pela janela e vi o médico em sua casa. Dou-lhe

um assobio e chamo-o. Lá veio ele, perguntou logo pela minha esposa, ao que eu lhe disse que estava no quarto e que não se sentia bem. Ele entra, sai de seguida com ela e seguem a pé para o hospital.

A minha sogra manda o empregado servir o almoço e vai ao hospital e regressa logo de seguida a correr, perguntando pela mala do bebé.

Nós continuámos a almoçar e a beber os nossos copos, e ficámos na expectativa, mas passado pouco tempo, lá vimos a minha sogra a vir com um bebé no colo, a minha esposa atrás e o médico atrás, a fechar o grupo. A minha sogra grita a dizer que era menino e começámos logo a abrir garrafas de champanhe.

Continuando no Cubal, estava numa fase de trabalhos intensos e andava cansado.

Num sábado depois do almoço, quando me preparava com a família para ir para Benguela passar o fim-de-semana com a família, apareceu o Comissário Municipal, a querer-me impedir de o fazer, alegando que nesse fim-de-semana iria lá estar uma comissão política e que não autorizava a minha saída. Neguei-me a cumprir aquela ordem, e disse-lhe: as unidades de produção têm lá os seus responsáveis, que poderão responder por elas.

E posto isto, arranquei para Benguela, desobedecendo assim à ordem do Comissário. (Autoridade do Concelho Municipal).

Na segunda-feira logo pela manhã, tendo regressado já do fim-de-semana, estando no meu gabinete já ao serviço, sinto que alguém entrara nos serviços. Fui ver quem era e eram os camaradas da DISA, (antiga polícia de informação secreta do estado), a querer saber o porquê da minha ausência na visita da comissão política. Disse-lhes que tinha informado do porquê ao Comissário Municipal. Mas para que não houvesse mais polémicas, iria de imediato para Benguela e de seguida para Luanda, para me ir justificar diretamente ao camarada alto dirigente nacional político. E assim o fiz.

Acabei por receber elogios pelos trabalhos que estavam a ser realizados, que era um trabalho bastante ambicioso, bonito e que estava a andar e apresentava obra em andamento.

Regressei ao Cubal, fui falar com o comissário municipal, a quem retratei a situação, tendo ele me transmitido também, que tinham todos elogiado e gostado do trabalho que viram desenvolvido.

Foi então que passado pouco tempo, recebo uma mensagem para me apresentar no Ministério da Agricultura em Luanda, com urgência, para seguir para a ex-Alemanha Democrática, para ir frequentar, com mais outros colegas, um curso de planificação, gestão, contabilidade e organização de grandes empresas.

Vou para Benguela para preparar a minha ida para Luanda.

Entretanto, tendo tido conhecimento da presença do camarada Ministro da Agricultura em Benguela e informado que ele se encontrava com outros membros do governo e do partido em determinado sítio, fui até eles para saber de mais alguma coisa. Foi então, que em determinado momento ele me chama e mostrou-me uma carta enviada pelo senhor Nuno de Menezes, o tal a quem eu tinha dado emprego e à mulher, acusando-me de sabotador, pois tinha produtos armazenados, que não distribuía ao povo que estava a passar mal. E para convencer mais os políticos, converteu aqueles restos de peças de pano em metros???, que não coincidiam com a realidade.

Expliquei ao camarada Ministro o que se passava e o porquê daquela situação. Mas como se tinha que apurar essa situação o mais breve possível, pois estava em risco a minha ida para a RDA e se fosse só isso.

Constituiu o senhor ministro uma comissão para ir averiguar dos factos, que ao chegarem ao local, ficaram indignados e compreenderam logo o que se passava.

Na realidade, eram as partes sobrantes das peças, que já não se enquadravam nem contabilisticamente, nem razoavelmente, em relação ao número de trabalhadores e a quantidade do produto, para serem distribuídas, considerados restos e que só davam para ser integradas noutra distribuição programada, para uma altura em que houvesse nova distribuição do comércio interno.

Tratava-se de restos que em cada peça tinham sobrado para aí três metros se tanto, mas para impressionar, aqueles cerca de três metros, somadas todas as peças, dava um número até um pouco expressivo. Mas para serem distribuídos a cerca de (3.600), três mil e seiscentos trabalhadores que tinha, no total das unidades de produção, era uma gota de água no oceano.

Até alguns sacos de feijão, que tinha guardado para semente, para semear na devida altura, o indivíduo valeu-se dizendo que o povo andava a morrer à fome e eu com aqueles alimentos armazenados. Grande sorte minha, era eu ter sempre os trabalhadores responsáveis das unidades, informados de todas as situações, em relação a cada unidade.

E foi por isso que, o fiel de armazém, por estar informado por mim e saber de tudo, que também confirmou toda a minha informação.

Regressados, apresentaram o relatório ao Ministro.

Conclusão; a transferência compulsiva do indivíduo para o Moxico, uma terra do leste de Angola, onde se vivia muito mal.

Esteve lá três anos, se não me engano, por ter levantado situação muito perigosa de sabotagem económica e falso testemunho. E depois de cumprida a pena, expulsão dos serviços.

Este indivíduo, bem como a sua esposa, trabalhavam no comissariado municipal, do Cubal. Quando foi do fraccionismo, ele foi corrido de lá, juntamente com a esposa, por alto dirigente político do partido (MPLA), por razões políticas.

Então o comissário municipal veio falar comigo, pedindo para os empregar, pois eram dois quadros bons, que não se deviam desaproveitar. E assim os pus a trabalhar na delegação da agricultura do Cubal, comigo.

E assim fui eu para RDA (República Democrática da Alemanha), para tirar o curso intensivo em quarenta e cinco dias, naquele país onde tudo era planificado com antecedência, e então tivemos noventa refeições de frango, conforme planificação. Porquê? Porque todos os dias era frango ao almoço e ao jantar.

A minha defesa era nos pequenos-almoços, cheios das mais variadas qualidades de pão, enchidos, lacticínios, etc., que eu aproveitava para fazer altas sandes para o dia.

Como eles não bebem cerveja fresca, lá consegui que nos arranjassem um frigorífico, onde púnhamos as nossas cervejas a gelar.

É nesta altura 1978, em que faço o curso intensivo de planificação, contabilidade, gestão e organização de grandes empresas, com a duração de quarenta e cinco dias, para posteriormente, ser nomeado para Diretor do Gabinete do Plano Provincial da Agricultura da Delegação da Agricultura de Benguela, (Angola), onde exerci o cargo, tendo como responsabilidades diretas, a elaboração dos planos técnico-económicos, assim como a sua execução e controlo dos mesmos, e o controlo das produções das unidades estatais, até meados de 1982.

Estando ainda nesta situação, tive um dia de ir ao Cubal em serviço, acompanhar uma delegação de cubanos para apresentar uma zona em que os cubanos queriam instalar um projecto agro/industrial. Vistas as áreas, e todas as situações inerentes a esta, paramos na delegação civil cubana no Cubal, fazem-se as despedidas e eu vou para entrar para o Jeep que eu tinha, um Toyota Land Cruiser, caixa pequena e fechada, abro a porta do Jeep, meto meio corpo dentro do carro e outro fora e fico numa de entro ou saio,

vai para fora e entra, estou neste jogo, quando de repente, sinto uma coisa quente a riscar-me a barriga, a balalaica que tinha vestida a abanar e o vidro da porta do carro a estilhaçar-se.

Apercebo-me que era um tiro, saco da minha pistola e quando me viro para traz, para o sítio donde tinha partido o tiro, vejo um dos cubanos que pertencia à segurança, dos militares que tinham acompanhado a missão cubana, que estava sentado na traseira do Jeep, atrapalhado, desfazendo-se em mil desculpas, porque tinha apertado o gatilho da espingarda AKA, pensando que estava travada e não tinha bala na câmara.

Num dia em 1979, estando eu e a esposa em casa ,em Benguela, estando ela grávida, pede-me que a levasse ao hospital, pois desconfiava ter chegado a hora do parto, da sua terceira gravidez. Assim fiz e chegado lá, mandaram para casa esperar.

Como tardava, fui à maternidade, para saber o que se estava a passar, mandaram-me esperar um pouco. Assim o fiz e passado algum tempo, lá vejo a minha sogra, que vinha com um bebé nos braços, que era a Mónica.

A minha sogra e cunhadas estavam lá, porque eu tinha mandado vir a família de Camacupa, para Benguela, por estarem a passar mal, sobretudo no capítulo da saúde. Depois dos dois rapazes, fui agraciado com a menina, foi mais que uma alegria, foi uma bênção.

Com a situação da guerra, criei um problema de stress traumático pós-guerra. Começando esta minha doença a agravar-se, um dia em que estava na Ganda em serviço e falando com a malta, Nelson Carrinho (já falecido) e outros, verificou-se que havia também muita gente com problemas de saúde e precisavam de se consultar.

Como havia numa missão, localizada em Caluquembe, bons médicos Suíços, cujo diretor era o senhor doutor Brecher, organizou-se uma viagem

em coluna, em que a maior parte das pessoas tinham que ficar lá, esperando sua vez de consulta, pois era assim que funcionava.

Mas como eu e o Nelson Carrilho éramos conhecidos pela direção do hospital, por favores que fazíamos à missão, fornecendo produtos alimentares, (fuba, feijão e outros produtos alimentares), não tínhamos problemas, por termos já as consultas marcadas.

Então regressei a Benguela, para organizar a viagem com a família.

Na véspera de irmos para Caluquembe, como tinha pedido aos meus pais, para ficarem com os nossos filhos, porque a viagem era de risco, político/militar e não queria expô-los, fomos leva-los ao Lobito a casa deles.

Acontece que nessa madrugada, véspera da nossa ida para Caluquembe, passando pela Ganda, acordo sacudido com um estrondo de um rebentamento, que até a casa estremeceu. Saímos prá rua, onde já se encontrava gente a comentar e a apontar para um enorme clarão, para os lados do Lobito. E mais outros rebentamentos se sucederam. Claro, ficamos logo preocupados, pois havia pouco tempo, havíamos lá deixado os nossos filhos.

Tentamos telefonar para os meus pais, e nada, linhas congestionadas. Então começaram a aparecer os primeiros refugiados, que nos foram pondo ao corrente da situação. Informaram-nos que tinha sido o rebentamento de alguns dos tanques de aprovisionamento de combustível da Mobil, no Lobito.

Ficamos a aguardar, até que apareceram os meus pais com os nossos filhotes.

Então, resolvemos levar os nossos filhos connosco.

Deixamos as pessoas em casa e demos início à nossa viagem.

Chegamos à Ganda, o pessoal já estava preparado e lá estivemos a explicar, o motivo do atraso.

Iniciamos a viagem, e quando chegamos perto da serra da Chicuma, apercebemo-nos do tiroteio da guerra que se estava a passar, entre a UNITA e o MPLA, um de um lado do môro e o outro do outro lado e a estrada passava pelo meio, a uma cota inferior, muito baixa. E assim resolvemos arriscar e atravessar aquele tiroteio, que era de tal ordem, que ao passar por aquele sítio, os invólucros das balas caíam em cima do tejadilho do Jeep, que parecia chuva a cair em cima de chapas de zinco.

Mandávamos os meus filhos acachaparem-se no fundo do carro, mas coitados, ainda hoje vejo as carinhas deles exprimindo medo e terror, até que conseguimos sair dali, Graças a Deus.

Continuamos a viagem e mais à frente encontramos um descampado, com um ou dois edifícios e uma ponte no meio, sobre o rio Carique.

Tomámos as providências necessárias, de garantia mínima de segurança, para o caso de alguma emboscada, pois íamos alguns elementos armados e mandámos avançar a primeira viatura, que era o Jeep do Nelson Carrinho. Quando entrou na ponte, só vimos o carro a ir pelos ares, as pessoas que iam na carroçaria projetadas pelo ar, até um bebé que ia no colo da mãe foi projetada e foi cair sobre uma espinheira direitinha, com as suas mantinhas e tudo. Mais custoso foi tira-la de lá.

Entretanto o carro cai para o leito do rio que levava pouca água, ficando o Nelson entalado e preso dentro da cabina.

A Bela cheia de coragem, avançou a correr para o carro e verifica que a situação não era fácil, pois a pancada tinha provocado a abertura da tampa da caixa craniana. Sem qualquer hesitação, pega num lenço, põe a tampa no lugar fecha-a e amarra, com um lenço, tendo depois conseguido soltar o homem e retira-lo do carro.

Reorganizámos o grupo com menos uma viatura e rumámos para o hospital de Caluquembe, tendo assim que lá chegámos, ter transportado o Nelson logo para dentro do hospital, onde foi logo assistido e operado, tendo seguido para o internamento.

Nesta situação, tínhamos deixado os nossos filhos com as pessoas que nos acompanhavam, na rua nas viaturas.

Entretanto estávamos no corredor do hospital à espera de notícias dos médicos, quando olhamos para o fundo do corredor e vimos uma senhora a vir com uma criança no colo, e parecia-nos familiar aquela figura. Quando se aproximaram mais, reparamos que era a minha sogra, e trazia uma criança ao colo, era o meu filho Luís.

O que se tinha passado? Era a minha sogra, que também lá estava acampada, à espera de consulta, que quando nos viu chegar, viu os miúdos e reconhecendo, foi ter com eles e levou-os para a tenda dela.

Então os miúdos na brincadeira, o Luís pegou nuns bagos de milho, e quando deram por ela, já estava com um bago entalado no nariz.

Chamamos um dos auxiliares do hospital, que transmitiu ao doutor Brecher o que se passava, mandou-nos entrar, pegou numa pinça própria e retirou-lhe o bago de milho.

Fiquei ali mais uns dias, sendo logo consultado também e começado logo a fazer o tratamento que os médicos me tinham prescrito.

Quando o nosso acidentado, já se encontrava tratado e em boas mãos, regressamos sem ele, pois ficou a convalescer ficando o pessoal da Ganda de regressar lá a levar mantimentos, e outras coisas necessárias.

Fizemos a nossa viagem de regresso e depois de sair da Ganda, passar pelo Cubal e Caimbambo e pedi à Ana Bela, para que me revezasse um bocado na condução, pois estava bastante cansado. Como ela também estava extenuada

com toda aquela situação, aconselhou-me a que estacionasse e descansasse um bocado, ao que concordei.

Tendo visto um sítio com uma laje à beira da estrada, optei por parar ali. Saí do carro, dirigi-me para a laje, sentei-me e quando me ia a deitar, pus a mão em cima de qualquer coisa que me queimou. Olhei e vi uns invólucros de balas, que deduzi logo terem sido disparados há pouco tempo.

Levantei-me nas calmas, fui para o carro, pus o mesmo a trabalhar, contra os protestos da mulher e insistência para que descansasse um pouco e pedi-lhe que se mantivesse calma. Comecei a andar indo adquirindo maior velocidade em pouco tempo, e entretanto, expliquei-lhe o que se tinha passado, tendo aumentado mais a insegurança.

Não tardou muito, quando vimos à nossa frente um camião a largar grandes nuvens de fumo e disse-lhe, que aquele camião tinha sido alvejado e escapado à emboscada montada, no sítio em que eu estava para descansar e contei-lhe então o que se tinha passado, ao que ela apenas pediu para que andasse mais rápido.

Chegámos a Benguela e como não tínhamos gás, saí para ir comprar.

Quando cheguei ao quintal do homem que o vendia, vi o pessoal a acercar-se de um camião. Quando o vi, é que me apercebi, que era o que eu tinha visto a deitar fumo. Tinha sido um dos tiros, que tinha acertado num tubo da alimentação do combustível do motor, razão porque fazia tanto fumo, por causa da entrada de ar para o sistema de alimentação.

XVII

Por se ter agravado ainda mais o meu estado de saúde, sou obrigado a interromper as minhas atividades profissionais, com os problemas do stress traumáticos pós-guerra.

Perante esta situação, o governo de Angola quis-me mandar para a União Soviética para tratamento. Mas felizmente, apareceu um médico, que contestou o local de tratamento, alegando que teria de ir para um sítio onde tivesse família e que falava a mesma língua e fôssemos conhecidos e esse sítio seria Portugal.

E assim, foi-me consentida a ida para Portugal, para estar perto de família para a minha recuperação.

Tratei das autorizações, “passaportes” (salvo condutos), compra de passagens de avião. Chegou o dia da partida, no aeroporto fizemos o chek in, e como vínhamos com os filhos crianças bebés, pois têm pouca diferença de idades entre eles, despachamos tudo o que não precisávamos durante a viagem, para estarmos libertos para tratar dos miúdos.

E quando estávamos já instalados dentro do avião, veio ter comigo o comandante do avião, pediu-me para me deslocar à porta do avião, pois estavam lá uns militares dos Serviços de Emigração, que queriam falar comigo e que não devia ser nada de grave. Como quem não deve não teme, desloquei-me à porta do avião e para grande surpresa minha, quando aqui cheguei e os cumprimentei, fui “CANGADO”, quer dizer, agarrado em mata leão, sem qualquer justificação, por aqueles indivíduos, embora a minha insistência para saber o motivo daquela ação, sendo levado para uma sala dentro do aeroporto, continuando sem me darem explicações, isto por volta das nove e meia, talvez dez horas da manhã.

Perto das onze e meia, continuando sem ter conseguido obter qualquer explicação, apareceram a minha mulher e os meus filhos, que tinham abandonado o avião e que depois de terem andado à minha procura, lá me encontraram.

O avião permaneceu na pista, perto de duas horas, em que estiveram o comandante do avião e tripulação, a tentar convencer a minha esposa, para ela ir para Portugal, que eu depois iria ter com eles.

Mas, não sabiam quem estavam a tentar convencer, que só pedia para lhe abrirem a porta do avião, para ir à minha procura. E assim os conseguiu convencer, a abrirem-lhe a porta, e foi à minha procura, até me encontrar.

Por volta do meio-dia, qual é o meu espanto, quando me dizem para ir para casa almoçar e apresentar-me na DEFA, (direção de emigração e fronteiras de Angola), às duas e meia, para resolver aí a situação.

Como um dos meus primos, vivia ali mesmo perto do aeroporto, num daqueles edifícios, os primeiros construídos pelos cubanos, saí do aeroporto a pé, com um sentimento de raiva tão grande, que fui dali, com mulher e filhos, os olhos marejados de lágrimas, bati à porta da casa do meu primo, que quando abriu a porta, nem queria acreditar o que lhe estava a contar.

Pedi-lhe que me levasse à DEFA e perto das duas e meia, saímos de casa para o efeito. Mas como eu mal conheço Luanda, o meu primo parou o carro num sítio e pediu-me que esperasse ali um bocado, que ele ia comprar cigarros. Como tardava, comecei a ficar impaciente e a praguejar com tudo, até que ele apareceu e eu atiro-me a ele, chamando-o de irresponsável etc., até que ele me pede para parar, pois já tinha ido aos tais serviços saber do que se passava. Afinal ele tinha estacionado nas traseiras destes serviços e como eu não sabia, levou-me na certa. Então disse-me que lhe tinham dito que tinha sido um lapso e que pediam desculpa.

Entretanto o responsável pelos serviços já “tinha ido em serviço” para Malange.

Saí dali e fui ter com algumas entidades oficiais de peso, informando o que me tinha acontecido e anunciando que ia para Portugal e não regressava. Como sabiam do meu estado de saúde e pensando que aquilo era desabafo de raiva do momento, todos me diziam que estava bem, que quando regressasse, logo se iria tratar da situação. Ninguém acreditou, e talvez por compensação, concederam-me o aumento do plafond dos dólares, que tinha direito para trocar.

Desloquei-me ao banco para tratar da troca do dinheiro, quando me aparece toda preocupada, a responsável pela TAP em Angola, a saber o que era feio de mim, por onde eu andava, para ir buscar a minha família, as bagagens, pois estávamos sob a responsabilidade daquela companhia aérea, ao que me recusei, apesar da muita insistência da parte desta responsável, pois estava instalado em casa de família. Então lá me deu uma ajuda a tratar das transferências e arranjou-me logo voo para o dia seguinte à noite.

E foi assim que vim com a minha família, para esta terra, onde eu nunca tinha posto os pés e o que conhecia, era aquilo que tinha estudado na escola, mais sobre a metrópole do que de Angola.

Cá chegamos pela manhã cedo e estava o meu primo Sérgio, já falecido, à nossa espera, tendo-nos levado para casa dele, onde fiquei hospedado alguns dias.

Entretanto a minha falecida cunhada Natália, insistia para que fôssemos para casa dela, ao que passado algum tempo aceitamos. Mas por pouco tempo, pois os meus pais tinham comprado uma casa em Vale de Milhaços, Corroios.

Enquanto isso, íamos passeando, visitando pessoas, e indo às feiras de Chelas, onde gostávamos sempre de comer as nossas bifanas e beber o nosso

copo de vinho tinto e, começamos logo a comprar mantas, lençóis, toalhas de mesa e conjuntos de toalhas para banho, panelas, talheres e mais outras coisas que iriam fazer falta quando mudássemos para nossa casa, (casa dos meus pais, que me tinham dado consentimento prévio para a ocupar, quando chegasse a Portugal).

Um dia encontrei-me com o senhor José Rodrigues, muito meu amigo e de meu pai. Ficou satisfeito por nos ver e convidou-nos para irmos a casa dele e marcou-nos logo num dia para almoçarmos. Lá fomos e a meio da conversa foi-me perguntando das minhas intenções, se pensava em regressar, o que disse logo que não, tendo ele ainda aconselhado para que regressasse.

Entretanto como eu tinha dito que ficava, ele pôs nuns jornais classificados, (sem eu saber, vim a sabê-lo muito depois), a minha procura de emprego e ofereceu-nos uma televisão, que nos serviu durante alguns anos.

Entretanto eu e a Bela, fartos de ficar em casa de outros, pedimos a chave da casa do meu pai, à minha prima que tratava dos assuntos do meu pai e lá fui eu com ela a Vale Milhaços, á procura da referida casa. Encontramos e começamos com as limpezas e os preparativos para mudarmos de casa o mais breve possível. Mas com a azáfama das limpezas e arrumações, quando pensamos regressar, já era de noite e foi quando nos informaram, que já não ia haver mais transportes naquele dia, o que só aconteceria no dia seguinte.

Ficamos atrapalhados também por virmos a saber que ali não havia nem pensões, nem hotéis. Então foi com a ajuda de uns vizinhos, que lá nos emprestaram umas mantas, um colchão de ar, que se esvaziou antes do meio da noite, tendo acabado por dormir mesmo no chão e lá passamos a pior noite das nossas vidas, cheios de frio, pois já era Outono e mal conseguimos dormir.

Pelo facto, aproveitamos para no dia seguinte, ir dar uma volta pelas casas de eletrodomésticos e mobiliário, para escolhermos o que precisávamos de

comprar, para o recheio da casa, ficando logo apalavrado o que iria ser. O dono da loja ficou entusiasmado e ofereceu-se logo para ir a Chelas, buscar as nossas coisas, sem nos cobrar nada. E assim foi a nossa transferência para a nossa nova casa.

XVIII

Entretanto, por causa do anúncio feito à procura de emprego, respondi a algumas entrevistas, tendo sido contratado por um indivíduo, patenteado a Major. Era para organizar e recuperar um grupo de produção de aves, onde se iria produzir desde o ovo do dia, pinto do dia para engorda, centro de abate do frango para consumo e fábrica de rações.

O indivíduo foi-me pondo a par da situação como ele queria e eu fiz-me logo ao trabalho, tirando muita informação ao caseiro, onde entre várias coisas, vim a saber da existência de uma carrinha Ford Transit da firma, que tinha sido desviada no 25 de Abril, e que a tinham abandonado numa valeta, o que tratei logo de a rebocar para a sede, para sua recuperação.

Mandei tirar o depósito do gasóleo e lavá-lo, tirar e mudar todo o tipo de filtros, retirar óleos e valvulinas e mudar tudo.

Colocou-se uma bateria nova, sangrou-se deu-se ao arranque e não demorou muito que começasse a trabalhar. Foi então o meu transporte a partir daí.

Em determinada altura, recebo um telefonema da secretária do senhor patrão verdadeiro, pai do indivíduo, que me diz estar satisfeito com o meu trabalho, reportado nos relatórios, e que começasse a tratar dos assuntos dos aviários diretamente com ele.

Iniciaram-se as obras de recuperação do matadouro de aves, recuperação da fábrica de rações, recuperação de uma horta, a que aumentei a área. Quando começaram a sair os primeiros produtos, poucos, os primeiros beneficiados foram os trabalhadores que adquiriam os mesmos quase a preço de custo e o resto era vendido a uma senhora, que tinha uma banca no mercado, com quem fiz amizade e ficava me com os produtos todos.

Todas estas receitas, eram reportadas nos relatórios.

Havia uma situação, que me punha um pouco aborrecido, que era a falta de balneários, porque o pessoal, homens e mulheres, todos tinham que ir ao mato, para fazer as necessidades.

Fiz as contas ao material necessário, fui adquirindo-o e através de uma campanha de sensibilização ao pessoal, que colaborou todo, pedreiros etc., fizeram-se os mini balneários, o que alegrou os trabalhadores e fui pagando com a venda de todo o ferro velho que havia e com a venda dos produtos hortícolas.

Nesta altura, havia uma dificuldade enorme, em se arranjar cimento, o que me fez andar numa de candongueiro de cimento e ia busca-lo aonde o dono me mandasse.

Claro que se intensificou o meu trabalho, não tendo mãos a medir.

Um determinado dia, o senhor Major chamou-me, para ir ver o que se tinha passado lá com umas ordens que ele tinha dado aos pedreiros, acerca de umas obras que tinham sido mal executadas. Começou a gritar-me e eu, porque além de ele não me ter dito nada, e eu não ter gostado daquela atitude, virei-lhe as costas e fui para o escritório. Caiu-lhe mal isto, e foi atrás de mim até ao escritório. Só que eu, logo que ele entrou, fechei e tranquei a porta do escritório e tirei a chave da fechadura e pu-la no meu bolso. Vendo o susto que ele tinha apanhado, só lhe disse isto: os meus filhos quando se portam mal, ou têm faltas de educação, que não têm, tiro-lhes as calças, dou-lhes umas palmadas no rabo, para eles se corrigirem. Tenha cuidado, não gosto que me gritem, ainda por cima à frente do pessoal. Saiu do escritório enfurecido e foi-se embora.

Bem, as trabalhos iam correndo de vento em poupa, aprontei os primeiros pavilhões e pedi ao pai, do senhor Major, para que mandasse proceder ao fornecimento dos primeiros 20.000 pintos para carne, para o plano de lotes desta quantidade semanal e fornecimento dos produtos, para se por a fábrica

de rações em funcionamento, ao que ele ficou admiradíssimo, pois não contava com aquilo tão depressa.

Claro que como isto estava a mexer bem, o tribunal da Comarca, começou a abordar-me e a pressionar-me, para me nomearem como fiel depositário da empresa pelos problemas que a empresa tinha. Informei o indivíduo, ao que ele me disse que não fosse. Estive a fazer-lhe ver das desvantagens que isso iria trazer, pois não iríamos ter estranhos a trabalhar connosco e a levantar problemas, não tendo este se pronunciado sobre o assunto.

Fui continuando com os meus trabalhos, receção dos pintos e dos componentes para as rações tendo o dono pai, ficado admirado por eu saber fazer formulas para rações. Acontece que, no dia 23 de Dezembro, recebi uma notificação entregue pessoalmente por um elemento do notário, onde o Juiz me nomeava e convocava para me apresentar no tribunal da Comarca, às 10 horas da manhã do dia seguinte. Perante isto, informei o caseiro para onde ia e lá fui eu, que além de muita contestação da minha parte, não vi outra saída senão aceitar a situação.

De regresso aos aviários, veio o caseiro ter comigo e diz-me que o patrão filho, tinha lá estado e perguntado por mim, e lhe tinha dito que quando eu regressasse, para ir ter com ele aos escritórios, o que fiz.

O caseiro lá me esteve a dizer onde é que era, deu-me a morada e lá consegui chegar. Mal entrei, o homem perguntou-me logo: foi a tribunal? O que decidiu? E eu comecei a dizer que tinha aceitado porque... o homem nem me deixou acabar de falar e pediu-me; as chaves da carrinha, os documentos e diz; está despedido. Agarrei na chave da carrinha, atirei-lhe para cima do corpo e os documentos e pedi-lhe contas feitas rápido e que não saia dali sem as contas feitas. Isto em pleno dia 23, ante véspera de natal.

Como não estava satisfeito e queria dar-lhe pancada, andamos ali às voltas à secretária, até que a secretária me agarrou e acalmou.

Esta, depois de me acalmar, foi fazer as contas, mas apenas tinha uma parte do dinheiro para me pagar e prometeu-me depositar no banco logo que possível, ao que acedi.

Saí dali, e fui apanhando os transportes que eu conhecia, até chegar ao centro/sul, Almada e quando me deslocava daquele sítio para a estrada nacional 10, Cacilhas/Setúbal, oiço uma buzina de um carro. Quando me volto para ver quem era, deparo-me com o meu amigo e colega, Camarneiro na companhia da sua esposa, que me deram boleia para casa, pois eles moravam perto, a quem fui contando tudo o que se tinha passado comigo, em primeira mão. Cheguei a casa, contei à família e assim passamos a ceia da consoada, procurando não pensar no que tinha acontecido.

E assim passamos as festas da quadra do Natal e Fim de Ano.

Começando logo nos primeiros dias de Janeiro à procura de emprego, telefonando aos meus amigos, a quem tinha pedido para que me arranjassem alguma coisa. Mas, como tardava, meti-me nas construções a fazer de servente. Mas trabalhava poucos dias, porque quando sabiam da minha formação profissional, despediam-me, tendo que ir procurar outro.

Sorte que no tempo que foi, não havia mãos a medir na construção e lá fui andando, de obra em obra, até que me saturei, reuni a família, (eu, esposa e filhos), a quem expus a situação. Dado a não estar a conseguir emprego no meu ramo ou outro, que não fosse nas obras, que estava a ficar desanimado e estava a ponderar que regressássemos a Angola, ao que eles concordaram.

Naquela altura para se conseguir telefonar para o estrangeiro de Vale de Milhaços, tinha que se ir aos correios de Corroios. E assim, meti-me a caminho, mas quando ia a chegar a Corroios, apareceu o meu colega Camarneiro, que me abordou dizendo que andava á minha procura, pois tinha

arranjado emprego para mim, na firma onde ele trabalhava, que era de venda de máquinas, abrasivos e ferramentas. Mas pus-lhe a situação que estava em jogo, pois já tinha decidido com a família, ao que ele insistiu para que pelo menos, experimentasse durante algum tempo.

Voltei a casa e pus a nova situação à família, que concordou e assim, recomecei a minha vida como vendedor.

Foi bastante penoso pois trabalhava à percentagem inicialmente e os transportes por minha conta. Tornava-se muito mau, porque na minha zona, os transportes eram escassos, pelo que tinha que andar a pé, por aqueles carreiros e atalhos, que comecei a explorar e por fim já conhecia aquilo de olhos fechados.

Comecei bem, e foi com a graça de Deus, que fui fazendo boas vendas, e cativando clientes, que chegavam a dar ordens nas firmas deles, para que não me deixassem passar por lá, sem levar nenhuma encomenda. E assim fui fazendo as minhas vendas, algumas até fora do âmbito da firma, porque os clientes diziam; arranje isso e quero que entreguem no dia tal, em tal sítio.

Eu chegava ao patrão a quem punha a situação, ele atirava-se ao ar, dizia-me que não podia ser assim, mas ia pesquisar a situação e acabava por concretizar a venda, pois via os lucros.

Fiz várias vendas desta maneira, embora sempre com o dono a esbracejar e sempre a concretizar, que me deram boas percentagens, bem como à firma.

Lembro-me de uma passagem, numa dessas deslocações, em que eu fui a uma firma, fazer a minha visita. Acontece que nesse dia, chovia a cântaros, mas eu tinha que lá chegar a horas, pois nunca gostei de falhar com os meus horários e compromissos. E então chego a essa firma todo encharcado, apesar da proteção, da capa plástica, e da sombrinha. Sou convidado a entrar para a entrevista, vou andando pisando o alto tapete aveludado, que cobria o chão do escritório. Convidam-me a sentar e qual a minha maior

surpresa e vergonha, olho para trás para o tapete e lá estava, aquela marca, que me marcou durante muito tempo, que era o desenho do buraco do meu sapato roto, que se tinha rompido durante aquela grande caminhada. Mas Deus compensou-me. Fiz uma boa venda, que não sei se não teria sido também com pena do meu retrato no tapete. Mas isso já foi e passou. Comprei logo uns sapatos novos.

Entretanto o tempo foi passando, as minhas condições na firma foram melhorando e lá fui aguentando, mas aquilo, não era o serviço que eu queria.

E há um dia em que se acorda com Deus, mas não sabemos, estamos tristes, cheios de nostalgia, arreliados com não sei mais o quê.

Então nesse dia, agarrei no telefone, fiz um telefonema para um dos meus colegas, a quem eu tinha falado, para que me ajudasse a arranjar emprego. E ao desabafar da situação, ele diz-me; - então não estás satisfeito aí onde estás? Digo-lhe; achas que um gajo aqui nas vendas é que está bem? Ele pergunta-me; então não estás aí no matadouro de Almada ou no Montijo? E eu digo-lhe; - não. Estou aqui numa firma de vendas. Ele fica admirado e pergunta-me; não recebeste nenhuma convocatória? Digo-lhe; - não recebi e não sei de nada, o que se passa? Diz-me ele; apresenta-te amanhã às oito horas da manhã aqui no Iroma, pois estás convocado para fazeres um estágio e vens à receção, que vou deixar aqui um envelope com as instruções todas.

Fico desnorteado, penso sobre a situação, e dirijo-me ao patrão e digo-lhe; - Como o senhor sempre soube, eu andei sempre à procura de um emprego no meu ramo e eis que me apareceu essa oportunidade e tenho que me apresentar amanhã às oito horas, num determinado serviço, para início de funções.

Então, conto-lhe o sucedido. Ele compreende e concorda embora contrariado, até porque eu tinha um bom dinheiro a receber de comissões, de uma última grande venda, que tinha feito.

No dia seguinte, apresento-me conforme tudo combinado no Iroma, onde recebi o tal envelope com as instruções todas.

Início o estágio, numa empresa em Sintra e outros matadouros e assim início outra etapa da minha vida, como classificador de carcaças, em matadouros de bovinos e suínos, tendo sido inicialmente colocado numa firma no Montijo.

Mas aqui, tinha um problema com os horários, porque havia um desfasamento em relação aos transportes, pois tinha de apanhar o primeiro transporte autocarro de minha casa a Cacilhas, às três da manhã, apanhar o barco de Cacilhas para Lisboa, em Lisboa apanhar o barco para o Montijo, daqui para a firma, onde quando lá chegava, já encontrava uma quantidade enorme de animais para classificar, pois eles iniciavam o trabalho, às quatro da madrugada. Claro que por vezes, criava alguns transtornos, no normal funcionamento da empresa.

A causa do meu constante atraso, era provocado pela falta de transportes que não havia, nos horários em que eu precisava, para que estivesse a horas ao serviço. Então começava às cinco da manhã a ver passar carcaças de porcos pela frente, que nunca mais acabavam e depois vinham os bovinos em menor quantidade, porque era um matadouro industrial. Mas dava sempre conta do recado, deixando sempre o serviço bem feito, sem reclamações.

Para melhoria da situação, ainda me deram uma viatura, uma Renault 4L, que me facilitou bastante a vida pois já comparecia a horas ao serviço. Posteriormente fui colocado no matadouro do Seixal e nas férias revezava com o meu colega de Almada.

Durante o tempo que estive aqui, há um dia que um dos trabalhadores me diz, que havia um dos colaboradores, tinha um carro Renault 10, que estava em muito bom estado e queria vendê-lo. Falei com o homem, fomos ver o carro e fiz o negócio, do meu primeiro carro aqui em Portugal.

Trabalhei aqui três anos, até que me apareceu um concurso público, para cinco vagas, para o Instituto Geográfico Cadastral, ao que concorreram seiscentos e tal indivíduos, tendo eu ficado em quinto lugar. Fui admitido onde estive, até passar à reforma.

Tomei posse como perito cadastral, tendo como tarefa, a elaboração do cadastro predial rústico do país, de norte a sul.

Gostei bastante deste serviço, porque tecnicamente, era muito interessante para mim, pois contactava directamente, com os proprietários, a maior parte deles agricultores, com quem aprendi muitas coisas transmitidas por eles, quer no meu foro profissional, como na componente social, hábitos e costumes, e outras situações de interesse.

Outro aspecto era o da camaradagem que existia, salvo algumas exceções, os encontros que organizávamos nos dias de chuva, quando estávamos em campanha, para irmos almoçar a sítios de renome gastronómico da região e assim, ficávamos a conhecer mais terras, além de situações que por vezes me aconteciam, de chegar a conhecer entidades nacionais e estrangeiras, no campo da gastronomia e não só, que eram verdadeiros apreciadores e conhecedores da boa gastronomia internacional e portadores também de muita cultura geral.

Durante o tempo que estive no Instituto, tive a possibilidade de comprar um Ford Escort, 1400, depois tive outro Ford Escort 1600, posteriormente para um carro mais novo, que foi um Renault Clio, com motor Energie, que entreguei em retoma, do negócio com um Daewo Lanos 1300, que foi um bom negócio. Também foi um carro muito bom.

XIX

Há um dia, em que pensando ter chegado o tempo da minha reforma, vou aos Recursos Humanos dos meus serviços e peço que me fizessem a contagem de tempo. Isto passa-se por volta das 11 horas da manhã. Passado pouco tempo, telefona-me a chefe dos RH, a perguntar-me o que eu tinha feito, durante um determinado período de tempo. Digo-lhe que esse período não interessava, por não ir contar para a reforma por ter sido trabalho em Angola, que era a informação que eu tinha dos próprios RH. Ela sugere-me que tratasse o mais urgente possível desse tempo, pois iria contar.

Telefono imediatamente para Angola, para um sobrinho muito querido o Sandro, em Benguela, ponho-lhe a situação e peço-lhe para que se deslocasse aos serviços da agricultura, e pedisse a tal declaração, dessa contagem de tempo.

Desloca-se aos serviços e por sinal, é atendido pelo chefe dos RH, que o informa conhecer o meu caso, de eu ter sido nomeado para Delegado da Agricultura e não ter tomado posse por falta de comparência e passou o documento.

Às 14 horas e 30 minutos, ele liga-me e pergunta se eu estava ao computador. Confirmo-lhe, abro o email e lá estava o documento, já com o reconhecimento da embaixada Portuguesa em Benguela. Passo-o aos RH, peço a confirmação da recepção e passados um mês e meio, estava na reforma.

Encontrando-me na reforma, logo o meu pensamento se voltou para o regresso à terra, Angola.

Enquanto isso, penso fazer, para ajudar a criar um fundo de maneio naquela terra, para ajudar nas despesas, um negócio de compra e venda de calçado e

vestuário. Entro em contacto com uma sobrinha da Ana Bela em Angola, que eu sabia que ela estava nesse ramo, propus-lhe o negócio, que ela aceitou.

Ela começa a fazer as encomendas e eu faço o envio da primeira remessa, ela confirma que estava tudo a andar sobre rodas e faço o segundo envio de mercadoria.

Sigo para Angola, faço os acertos de conta em papel, ela explica-me que a o negócio era feito por crédito aceitei e passado algum tempo, ela faz-me a amortização, de uma parte que tinha conseguido realizar. Fico à espera de outra amortização, que começava a tardar, mas lá chegou. O pior, foi o resto do pagamento, que nunca mais foi feito, pois ela chegou a dizer-me mesmo, pedindo desculpa, que me tinha “comido” o dinheiro.

Entretanto, um colega meu de curso e o filho, propõem-me uma parceria na reactivação da Fazenda Entre Rios, se estão recordados, onde eu cresci e o meu pai tinha sido sócio gerente.

Resolvemos ir falar com o Governador de Benguela na altura e fui com o meu colega, a quem pusemos a situação, ao que este concordou, até porque já nos conhecia profissionalmente.

Entretanto, continuei o processo da legalização da fazenda Entre Rios, para a minha responsabilidade, encontrando sempre obstáculos e novidades bem estranhas, esquisitas até para mim, mas, lá fomos andando seguindo a hierarquia do processo, onde me apareceram situações de um indivíduo ter conseguido passar a fazenda para o seu nome, intitulando-se herdeiro da minha mãe, como primo, o que era falso, pois o indivíduo era pessoa estranha à família.

Por outro lado, numa determinada fase do processo, no contacto com as entidades locais, começam a levantar problemas de várias ordens, tudo contrário ao que já tinha sido falado, com essa entidade. Há contestação da nossa parte, anima-se a discussão e, como já andávamos a ser avisados por

causa da situação naquela zona e outros problemas também e a insistência da minha esposa para o regresso a Portugal, resolvi abandonar tudo aquilo.

Enquanto tudo isto, fui tratando também da minha reforma, tanto pelo serviço prestado a nível dos serviços da agricultura bem como, das forças armadas de Angola, estando já quase numa fase conclusiva, quando resolvi regressar a Portugal, na perspectiva de lá regressar breve, para a conclusão dos processos, o que não aconteceu, dado a um acidente grave que tive, que relatarei mais à frente, que me impossibilitou de lá ir.

XX

A classe dos Regentes Agrícolas, actuais Engº Téc. de Ciências Agrárias, celebra o seu dia, no dia 10 de Junho de cada ano.

Em 1978, estando na comemoração do referido evento, em conversa com um colega de curso, este lamentava-se que ia perder a colheita de uvas desse ano e não ia poder fazer o vinho dele, porque tinha partido as pernas, o que o impedia de tais funções. Ficando com alguma pena, ofereci-me para o ajudar, assim como outros colegas.

Um colega de Beja, disse-me que lhe dissesse, que ele arranjava uma equipa de dois indivíduos, conhecedores da matéria, e iriam à responsabilidade do colega de Beja. Comunico-lhe e fico à espera de feed back.

Não tendo recebido resposta alguma, telefono ao indivíduo a saber do que tinha resolvido. Responde-me todo choroso, dizendo que: “aquilo vai-me custar uma pipa da massa”, (palavras textuais dele). Fico aborrecido e digo-lhe: olha, eu vou já para aí, e resolvo o problema, de uma vez por todas. Ele diz-me para não ir, mas meto-me no meu carro e aí vou eu.

Chego à quinta e ninguém estava lá. Espero e espero e nada. Quando me preparava para sair de lá, aparece o indivíduo, dizendo que tinha ido comprar o produto fitossanitário, para a aplicação.

Chegamos perto do trator e o individuo diz-me que o trator tinha uma avaria. Concerto a avaria, preparo o produto no aplicador e avanço, na desinfestação da vinha. Vou andando e parando, calibrando os espalhadores do aplicador.

O meu colega pede-me que encoste à outra vinha vizinha, dando para lá umas borrifadelas, para que não houvesse passagem à contaminação, e assim o faço. Só que ele, esqueceu-se de me avisar, que nessa zona havia buracos.

Vou descansado por pensar que não havia perigo no meio daquela erva alta, e quando passo para a zona para fazer a desinfecção pedida, da vinha vizinha, o trator dá um pinote, eu seguro-me ao volante, mas mesmo assim sou atirado para fora do trator, mas continuo agarrado ao volante e eis que a roda de traz, do lado onde eu estava a ser arrastado, prende a perna do fato-macaco que eu tinha vestido e zás, atira-me ao chão e passa-me por cima. Fico ali prostrado no chão, sem me poder mexer.

Entretanto como eu demorava, a esposa do meu colega veio à minha procura e encontra-me naquele estado, sem me poder mexer.

Peço-lhe o meu telemóvel que estava com ela, porque eu lhe tinha pedido que fizesse algumas filmagens, para eu mostrar aos meus netos. Ela entrega-mo e ligo ao 112, dou a minha localização e informo do meu estado e peço à senhora, esposa do meu colega para se dirigir para o portão da entrada, para informar ao socorro, onde eu me encontrava e ligo a um dos meus filhos a quem relato a situação.

Quando chegou o 112, perto do local do acidente, sou eu que lhes indico qual o melhor caminho para chegar junto a mim e assim procedem. Mas quando se apercebem da gravidade da minha situação, propõem logo a evacuação por helicóptero.

Vou aguentando sempre com dores horríveis e só quando me transferem da ambulância, depois de sair do meio da vinha, para o helicóptero, só depois de estar dentro deste, é que eu desfaleço, acordando 36 dias depois, do macabro acidente.

Sou evacuado para o hospital de Évora, porque aquela zona pertencia ao distrito de Évora.

A Ana Bela e o meu filho Luís, dirigem-se logo para o hospital onde me encontrava, não gostaram nada do que viram e não ficaram com muitas esperanças, devido ao meu aspecto.

Segue-se outra ida, minha esposa, filho, filha e uma neta. Na terceira ida, vão também os meus colegas Henrique Lopes e Mota Ângelo e o próprio indivíduo, que apanha boleia, com os colegas, pois tinha uma consulta naquele hospital. Chegados ao hospital, todos me foram ver, à excepção daquele indivíduo, que a sua preocupação foi logo de se demarcar da situação.

Demarcar-se de tal maneira, que quando a polícia foi recolher o seu depoimento, disse logo que não tinha nada a ver com aquilo, porque eu tinha ido lá por minha conta.

No quarto dia em que a minha esposa se preparava para ir para Évora, para lá assentar arraiais e fazer o acompanhamento da minha situação, pela madrugada, estando ainda em casa, tocam à campainha, ela estranha, abre a porta e era a nossa vizinha da porta do apartamento da frente, que está ligada a uma instituição, associação de apoio a reformados, pensionistas e idosos, que lhe diz, que vinha do hospital Garcia de Orta e que me tinha visto a chegar num helicóptero.

Esta situação dá-se, porque logo que a minha nora, a Nanda, casada com o meu filho Luis, que trabalha no hospital de Almada, sabe que estou em Évora, pede logo de imediato, à sua chefe com quem se dá muito bem, para que mexesse os cordelinhos, para a minha evacuação para o hospital de Almada, uma vez que eu pertencia a esta zona e que fosse operado pelo melhor cirurgião do hospital, o que aconteceu.

Por isso, tive de ficar 36 dias em coma induzido, porque esse cirurgião, encontrava-se fora do país, a fazer um estágio, precisamente sobre problemas da região pélvica.

Sou operado, fico no recobro e quando acordo, começa a minha luta a querer levantar-me e sair dali. Fazem-me perguntas a ver se eu sabia onde

estava e porque estava, ao que eu respondo, pedindo que me soltassem, para que pudesse ir para casa.

Entretanto, começam as experiências, para o meu transporte e transferência para o quarto da enfermaria, porque qualquer toque era um suplício.

Trazem uma grua, adaptam-na, até que lá se consegue a minha remoção para a cama da enfermaria.

Começam os trabalhos de recuperação, primeiro pela fala, pois ninguém percebia o que dizia, passando pela escrita, porque como não se percebia o que eu dizia, tentou-se a escrita, o que não resultou, porque só saiam garatujos. Mímica também não, por falta de coordenação de movimentos. Enfim, foi tudo como se fosse um bebé, que tinha nascido e estava a dar os primeiros passos na vida.

Passados poucos dias após esta situação, iniciaram-se os exercícios de fisioterapia, para a minha recuperação, tarefa essa executada por especialistas do hospital, que me exigiam bastante sacrifício, o que reconheço ser para meu bem e minha recuperação rápida e boa. Mas, dado à reacção e recuperação rápida, começaram a querer dar-me alta, ao que eu disse que só sairia do hospital, quando me sentisse seguro, e fosse para local de confiança, para continuar a fisioterapia. O que aconteceu, passado algum tempo.

Má sorte a minha, que contraiu uma bactéria hospitalar, que me induziu ao isolamento.

Entretanto, chega a data do meu aniversário e aparecem os meus filhos, filha, noras, genro, netos e netas e uma vez mais, a minha Nandinha, consegue uma autorização, para que a família que ali estava, pelo dia do meu aniversário, pudesse cortar e comer o bolo de aniversário, junto comigo, cantando a velha canção dos parabéns, todos com os respectivos cuidados de isolamento.

Como sabem, penso que poucos ou ninguém, elogia a alimentação dos hospitais e, não seria eu a primeira exceção.

Eu era um privilegiado, porque tinha uma assistência exímia, que começava no fornecimento de água, que era assegurado em primeira estância, pela incansável Ana Bela, que também me assistia com alimentação e outros mimos. Era o meu genro Gil ou minha filha Mónica e o meu filho Luís, que não deixavam que me faltasse água engarrafada. E ainda tinha por outro lado, os mimos da minha nora Nanda e a filha Gladys, ambas a trabalhar no hospital, esta última como enfermeira, que me traziam as sopas e os bolos caseiros e de pastelaria, para o “menino”.

Quer dizer: todos, mas todos, dentro das suas disponibilidades, contribuíram com o seu melhor, o que desde já, torno a apresentar os meus maiores agradecimentos, pois nunca irei conseguir agradecer o bastante, começando pela Bela, pelo que é o óbvio, a intervenção da Nanda, no pedido da minha transferência imediata do hospital de Évora para Almada, etc. etc. Fui um privilegiado, pela linda e amorosa família que tenho e somos.

Quero também apresentar o meu agradecimento aos colegas e amigos, pela sua solidariedade, e amizade.

Também não quero deixar passar em branco, um louvor ao hospital Garcia de Orta, começando pelo UCI (unidade de cuidados intensivos), onde acordei depois do meu coma induzido, lutando, não sei com quê, que digam o que disserem, durante o tempo que lá estive, fui muito bem tratado, com respeito e dignidade, por todos os trabalhadores, colaboradores, médicos, ortopedistas, cirurgiões, enfermeiros/as, auxiliares, e todos.

Querendo também fazer uns agradecimentos muito particulares, primeiro à chefe do UCI na altura, e à equipa de cirurgiões, que fizeram todas aquelas intervenções que tiveram que fazer, e a quem devo, sei bem por ainda aqui

estar, além da Mão Majestosa do Senhor, que os iluminou para todo este quadro.

Conseguido o sítio para a minha transferência e com a garantia de que regressaria sem obstáculos para o hospital, caso surgisse algum problema, sou internado numa IPSS, a LAGO, (Liga dos Amigos do Garcia de Orta), onde sou recebido com muitas reticências e com extremos cuidados, por causa da bactéria que tinha vindo os enfermeiros e técnicos da fisioterapia, cobertos dos maiores cuidados faltando só, usarem escafandros, mas, estavam muito perto disso.

Aqui também continuou a assistência, que me era prestada pela família, mas já com menos assistentes, pois as condições eram um pouco diferentes.

Início a fisioterapia dentro do quarto da enfermaria, onde me encontrava isolado, nos primeiros tempos, até que a bactéria foi debelada e depois, passei para situação normal, em ginásio próprio.

Mas, enquanto esperava pelo início dos tratamentos fisiátricos, eu ia-me adiantando e ia fazendo os meus exercícios, conforme fazia onde estive anteriormente. Arrastava-me da cama para a cadeira de rodas e ia para o quarto de banho, tratar da minha higiene, o que lhes causou bastante admiração, por eu já estar tão adiantado e fazia também exercícios, na barra dos pés da cama.

Mas mesmo assim, eu fazia sempre exercícios, quer no quarto, com uns pesos, que o meu filho Luís me tinha levado, quer no corredor da instituição, em cadeira de rodas.

Nesta altura, comecei também, a frequentar o refeitório, que foi das coisas mais deprimentes que se passaram na minha vida, que foi logo calhar, ficar entre indivíduos com condição muito limitadas, como babarem-se, dificuldade em permanecerem com os movimentos do corpo controlados, enfim, um sem fim de situações, que só visto e que Deus me perdoe.

Um dia ao fazer os exercícios no ginásio, acontece que, estando a pedalar na bicicleta, e devido ao desvio que eu tinha no pé, o que me impedia de o pôr em melhores condições, o que fazia com que tivessem de o amarrar ao pedal.

Então acontece que um dia, não tendo sido convenientemente amarrado, o pé soltou-se e provocou-me uma dor aguda na virilha.

Queixei-me à responsável fisiatra, que solicitou à médica ortopedista que me observasse, tendo detetado o deslocamento da prótese do colo do fémure, que nem me deixava mexer, porque tinha dores horríveis.

A ortopedista contactou de imediato com o hospital, direto com o meu médico cirurgião e mandaram-me para casa, à espera de vaga para baixar ao hospital, o que aconteceu passado poucos dias.

Sou internado para nova intervenção cirúrgica e acontece em simultâneo o início da famosa greve dos enfermeiros, no mês de Março de 2020, que me fez ficar internado, até que houve a paralisação da greve, que permitiu que fosse operado.

Antes da operação, lembro-me quando estava à espera de entrar para o bloco operatório, olhei para o relógio existente nessa sala, que marcava sete horas e quarenta e cinco minutos, e quando acordei no recobro, olhei outra vez para o relógio e eram, dezoito horas e cinquenta.

Voltei para os cuidados intensivos UCI depois da recuperação, para a enfermaria, e daqui de novo para a LAGO, onde estive até que terminou o tempo concedido legalmente e tive de ir para casa, e continuar a fisioterapia, noutra instituição.

Assim fiz, tendo frequentado primeiro alguns centros, mas passado algum tempo, em contacto com um amigo, sugeriu-me que contactasse com um médico fisioterapeuta que era muito bom, e era bastante conhecido pelos bons resultados. Contactei-o e recomecei a fazer a recuperação, tendo

entrado para lá, praticamente em cadeira de rodas, passando depois para o andarilho, e passado pouco tempo, para canadianas.

Fazia para complementar, caminhada de dois mil metros por dia, além de outros exercícios, complementando cerca de duas horas no total, sempre na companhia da Ana Bela.

Comecei a ganhar confiança no andar com as canadianas e um dia indo já com alguma velocidade e excesso de confiança, tropecei, caí e parti a mão. Lá tive que fazer seis semanas com gesso.

Para as minhas deslocações, servia-me do meu carro Daewoo, que mandei adaptar, mas que não me dava muita segurança, pelo que, tive que procurar um outro carro automático, que mesmo assim tive de mandar fazer adaptação.

O Daewoo, também entreguei em retoma, pela compra de um Volkswagen Polo novo, automático e adaptado á minha condição de mobilidade reduzida, que é a minha viatura atual e que estou muito satisfeito com ela.

XXI

Eu nunca quis atribuir qualquer responsabilidade, ao dono da quinta, sobre o assunto relatado anteriormente. Mas, o indivíduo, deveria pelo menos ter tido uma postura responsável, quanto mais não seja, um gesto que o dignificasse. Porque além disso, a situação acontece por o mesmo, não me ter avisado sobre a existência de buracos na propriedade, sendo a mesma de pequena dimensão, o que fez com que me deslocasse, à vontade.

Por outro lado, há um dia em que estava com alguma dificuldade em reunir algum valor monetário, de pequena remonta, para ajudar no pagamento de uma mensalidade na Lago. Telefonei-lhe, e veio com um monte de situações, acaba por me dizer que, nós africanos somos assim. Se houver só uma banana, tem que dar para todos e que ia falar com a esposa.

O que é facto e aquilo que me chocou, foi o indivíduo não me ter dado nenhuma resposta, e deixar de me ligar, tendo acabado o contacto.

Entretanto a mulher dele, na altura, telefona para a minha esposa, em termos de investigação, a perguntar-lhe quanto ganhava, quanto não ganhava, etc. etc. etc.

Continuo em recuperação, com tratamentos fisiátricos e com relativa qualidade de vida. Mas continuo, pois tenho Alguém, que nunca me abandonou e que me vai sempre sussurrando, VAMOS À LUTA.

Ele, sempre nos avisa, nós é que normalmente, fazemos as apostas erradas.

FIM

IMPRESSO EM LISBOA, PORTUGAL, POR:

